



Universidade de Brasília

Faculdade de Educação - FE

**SATISFAÇÃO/INSATISFAÇÃO: UMA ANÁLISE DO CICLO DE VIDA
PROFISSIONAL DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL DO
DISTRITO FEDERAL**

ANNA QUITÉRIA CARNEIRO DE MENEZES

BRASÍLIA/2022



Universidade de Brasília

Faculdade de Educação – FE

ANNA QUITÉRIA CARNEIRO DE MENEZES

**SATISFAÇÃO/INSATISFAÇÃO: UMA ANÁLISE DO CICLO DE VIDA
PROFISSIONAL DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL DO DISTRITO
FEDERAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção de título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^a Dra. Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva

BRASÍLIA - DF

Maio de 2022

TERMO DE APROVAÇÃO

ANNA QUITÉRIA CARNEIRO DE MENEZES

**SATISFAÇÃO/INSATISFAÇÃO: UMA ANÁLISE DO CICLO DE VIDA
PROFISSIONAL DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL DO DISTRITO
FEDERAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção de título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

Apresentação ocorrida em 09/05/2022.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva (Orientadora)

Profa. Dra. Shirleide Pereira da Silva Cruz

Profa. Me. Viviane Carrijo Volnei Pereira

Profa. Me. Quérem Dias de Oliveira Santos

BRASÍLIA/2022

AGRADECIMENTOS

Agradecer é reviver situações de gratidão que me marcaram durante minha trajetória.

Primeiramente agradeço a Deus pelo ar da vida, por ter sobrevivido a 2 anos de pandemia, em alguns momentos pensei que não aguentaria viver tudo o que vivi, quase desisti, mas Deus não deixou.

Sou grata a Ele também por ter me dado a oportunidade de ter o privilégio de passar pelo ENEM para umas das melhores faculdades públicas do Brasil e da América Latina; pois desde muito nova sempre sonhei com o momento, e a euforia dos meus pais, o momento em que falei que fui aprovada a eles nunca me esquecerei da cara de choro de alegria, esse momento que tanto sonhamos chegou e fui marcada por ele.

Agradeço aos meus irmãos Lucas e Nathalia por serem tão companheiros, sempre me inspiraram como pessoas estudiosas, e isso me motivava inúmeras vezes. Lucas com seu jeito mais protetor, e sempre compartilhando seus sonhos e aprendizados, sendo meu companheiro na UNB. Que privilégio pegar o ônibus nº 0.110 com você e irmos sentados compartilhando nossas aprendizagens dentro da UNB, experiências que tivemos, sobre os professores, sobre o futuro. Estar na UNB era um sonho, e se tornou melhor ainda com você estudando lá também. A minha pequena e doce Nathalia, que é uma calma no meio do furacão, só uma palavra dela bastava para tudo se acalmar; e com tão pouca idade me ensinava tanto. Vocês foram fundamentais na minha jornada acadêmica.

Aos meus pais Sandro e Anita, não há palavras para expressar o que eles significam em minha vida; desde a Educação Infantil nos motivava a estudar, demonstrando que a educação é a porta para uma vida melhor. Lembro que meu pai sempre comprava o caderno do futuro e todos os dias que chegávamos da escola nos colocava para estudar, e assim foi durante longos anos. Agradeço a coragem que tiveram em tirar eu e meu irmão da escola em São Sebastião e nos transferir para a Asa Sul para uma das melhores escolas, pois isso foi de grande significância em minha vida escolar. A minha mãe que é minha maior inspiração, quase aos 40 anos, depois de tanto trabalhar como empregada doméstica se arriscou em fazer um curso técnico em análises clínicas durante 2 anos aos sábados; e assim que terminou o curso foi contratada na empresa em que estava estagiando. Ela ainda se arriscou novamente em cursar um curso superior se formando em Farmácia, trabalhando o dia todo e correndo para a faculdade

à noite. Sempre admirava sua garra em continuar! Obrigada mãe, por sempre nos ensinar a nunca desistir e nos mostrar que nunca é tarde. Serei eternamente grata a vocês!

Agradeço ao Renato, meu esposo, que chegou em minha vida logo após a minha entrada na faculdade, por sempre estar comigo me motivando e dizendo que sou capaz. Obrigada por tudo!

Agradeço às minhas colegas Aurora, Grazy e Nayara, por tornarem minha vida acadêmica tão alegre, por nossas conversas, desabafos, almoços no RU, pelo companheirismo, pois ter vocês como colegas é inexplicável e as levarei sempre comigo.

Agradeço a Professora Kátia Curado, minha orientadora, por sua calma, o seu jeito engraçado e entusiasmado tornou esse trabalho mais leve. Juntamente agradeço a minha co-orientadora Viviane Carrijo, a qual me inspira muito em como ser uma grande docente, sempre disposta em tirar minhas dúvidas, incentivadora, sempre com uma palavra que aquece o coração. Obrigada por estarem comigo no processo final da minha licenciatura.

Agradeço a todos que de algum modo contribuíram no meu processo de formação como pedagoga.

A educação não transforma o mundo

Educação muda as pessoas

Pessoas mudam o mundo

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o grau de satisfação/insatisfação dos professores que atuam na Educação Infantil da rede pública de ensino do Distrito Federal ao longo do ciclo de vida profissional docente. O ciclo de vida profissional é considerado uma importante fonte de conhecimento sobre a prática docente e também é marcado por dificuldades e descobertas, possibilitando a compreensão das marcas de satisfação e insatisfação em relação à carreira. Este estudo representa um recorte da pesquisa coletiva desenvolvida pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Formação de Professores e Pedagogos – GEPPe da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB; intitulado “Ciclo de carreira dos professores do Distrito Federal: temporalidade e condições de trabalho”. Como instrumentos para coleta de dados, utilizamos a aplicação de questionários e a entrevista semiestruturada com roteiro previamente elaborado. Considerando os sujeitos da pesquisa, os professores que atuam na Educação Infantil da rede pública de ensino do Distrito Federal, podemos destacar como principais resultados deste estudo, que tanto os professores iniciantes que responderam o questionário quanto as professoras entrevistadas na segunda etapa da pesquisa e que atuam a mais tempo com a Educação Infantil, se sentem satisfeitos com sua escolha e vida profissional; mesmo considerando as condições de trabalho e o aumento da desvalorização da carreira docente na sociedade. Assim, apesar de momentos de insatisfação serem vivenciados pelos professores atuantes na Educação Infantil da rede pública de ensino do Distrito Federal, o grau de satisfação é marcante em todas as fases do ciclo de vida profissional docente, destacando a relação com a formação continuada, a estabilidade na carreira e a escolha pela profissão por interesse específico pela docência e pela área de educação.

Palavras-Chaves: Satisfação, Insatisfação, Educação Infantil, Ciclo de vida profissional.

ABSTRACT

This work aims to analyze the degree of satisfaction/dissatisfaction of teachers who work in Early Childhood Education in the public school system in the Federal District throughout the teaching professional life cycle. The professional life cycle is considered an important source of knowledge about the teaching practice and is also marked by difficulties and discoveries, making it possible to understand the marks of satisfaction and dissatisfaction with the career. This study represents an excerpt from the collective research developed by the Group of Studies and Research on the Training of Teachers and Pedagogues – GEPFAPe of the Faculty of Education of the University of Brasília – UnB; entitled “Career cycle of teachers in the Federal District: temporality and working conditions”. As instruments for data collection, we used questionnaires and semi-structured interviews with a previously prepared script. Considering the subjects of the research, the teachers who work in Early Childhood Education in the public school system of the Federal District, we can highlight as main results of this study, that both the beginning teachers who answered the questionnaire and the teachers interviewed in the second stage of the research and who they work longer with Early Childhood Education, feel satisfied with their choice and professional life; even considering the working conditions and the increasing devaluation of the teaching career in society. Thus, despite moments of dissatisfaction being experienced by teachers working in Early Childhood Education in the public education network of the Federal District, the degree of satisfaction is remarkable in all phases of the teaching professional life cycle, highlighting the relationship with continuing education, career stability and the choice for the profession due to a specific interest in teaching and in the area of education.

Keywords: Satisfaction, Dissatisfaction, Early Childhood Education, Professional life cycle.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quantitativo de professores da Educação Infantil que responderam ao questionário.....	33
Quadro 2 – Respostas dadas à questão 10 do questionário.....	34
Quadro 3 – Respostas dadas à questão 11 do questionário.....	35
Quadro 4 – Respostas dadas à questão 17 do questionário.....	37
Quadro 5 – Respostas dadas à questão 21 do questionário.....	40

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Respostas dadas à questão 16 do questionário	36
Gráfico 2 – Respostas dadas à questão 19 do questionário	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
PARTE I – MEMORIAL.....	14
PARTE II – MONOGRAFIA.....	17
CAPÍTULO 1 – PERCUSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL.....	17
1.1 Educação Infantil na Lei de Diretrizes e Bases da educação.....	18
1.2 Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.....	19
1.3 Educação Infantil na BNCC.....	22
1.4 O trabalho docente na Educação Infantil.....	27
CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DA PESQUISA.....	32
2.1 Metodologia.....	32
2.2 Análise dos dados	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
PARTE III – PERSPECTIVAS FUTURAS.....	48
REFERÊNCIAS.....	49
APÊNDICE 1.....	52
APÊNDICE 2.....	61
APÊNDICE 3.....	62

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo principal analisar o grau de satisfação/insatisfação dos professores que atuam na Educação Infantil da rede pública de ensino do Distrito Federal ao longo do ciclo de vida profissional docente. Destacamos que esse estudo é um recorte da pesquisa coletiva desenvolvida pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação e atuação de professores/pedagogos - GEPFAPE da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - UnB intitulado “Ciclo de carreira dos professores do Distrito Federal: temporalidade e condições de trabalho” e submetido à Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP DF). Deste modo, nosso estudo dialoga com o objetivo coletivo da pesquisa realizada pelo GEPFAPE que é refletir sobre a complexidade das fases do desenvolvimento profissional docente apontadas na literatura nacional e internacional (HUBERMAN, 2000; GARCIA, 2010; VAILLANT, 2008 E PAPI, 2011).

Os estudos sobre satisfação/insatisfação acerca do trabalho docente ainda são poucos no Brasil. A satisfação e a insatisfação do docente podem estar relacionadas a questões como condições de trabalho (ambiente físico, biológico e químico), segurança, organização do trabalho (divisão dos trabalhos e tarefas), as relações de poder e relacionamento interpessoal. O sentimento de satisfação é um processo dinâmico que pode ter influência tanto na organização do trabalho quanto da vida social dos trabalhadores (DEJOURS, 2011).

A condição em que a estrutura educacional está inserida atualmente enfrenta uma crise, na qual os docentes pleiteiam respeito e condição mais digna de trabalho (FREITAS; CRUZ, 2008). Ainda assim, é exigido dos docentes qualificação e atualização profissional, qualidade de ensino, resultados eficientes de aprendizagem; sendo que muitas vezes não lhe são oferecidos recursos necessários para esses fins. Em muitos momentos da carreira, o docente faz investimento com recursos próprios para manter-se qualificado. Além disso, os professores enfrentam dificuldades para trabalhar sentindo-se, por vezes, impotentes e alvos de críticas, sendo responsabilizados pelas falhas do sistema educacional (OLIVEIRA, 2008). Tal situação no trabalho pode ser fonte de insatisfação, interferindo de forma relevante na saúde e bem-estar desses docentes.

Alguns pesquisadores portugueses, como Gonçalves (2000), García (1995), Cavaco (1990,1999), Huberman (2000), Nóvoa (2000) dentre outros, estudam a trajetória da vida dos docentes, que abrangem diversos contextos, relações, conhecimento, atividades institucionais e pontos individuais que motiva e motivam e mudam, continuamente, o percurso desenvolvido

pelos docentes. Conforme aponta Nóvoa (2000), cada professor traça sua trajetória e sua carreira; no entanto, é relevante compreender o ciclo da vida pessoal e profissional para conhecer e aprender sobre a profissão docente, as possibilidades criadas para a construção da identidade profissional, da trajetória e da carreira docente, a partir de um intervalo de tempo de vida de cada pessoa. Huberman (2000) compreende os percursos da vida profissional com base na perspectiva da carreira, sendo possível demarcar acontecimentos que “atravessam não só as carreiras de indivíduos diferentes, dentro da mesma profissão, como também as carreiras de pessoas no exercício de profissões diferentes” (HUBERMAN, 2000, p. 37). Em outros significados, compreende-se que o ciclo de vida profissional dos professores dá-se em razão do conjunto de ciclos como idade, fatos históricos, e períodos profissionais. Essas diferentes etapas da vida do professor refletem nele como pessoa (GARCÍA, 1995), sendo uma experiência individual e com diferentes interfaces.

Huberman (2000) destaca que a carreira é marcada por vários acontecimentos que se tornam marcantes na trajetória do professor. A expectativa de início de carreira enfrentada pelo professor ao ingressar na carreira, isto é, a mudança de estudante para profissional, conceitos acadêmicos a prática, provocam questionamentos, e muitas das vezes, surgem situações as quais o professor não se sente preparado, momento em que, esse pode ficar confuso e inseguro a escolha de sua carreira. Desse modo, o processo vivido ao longo do ciclo de vida profissional pode ser constituído de momentos prazerosos ou desagradáveis, levando a satisfação ou insatisfação do professor referente ao trabalho docente e suas particularidades.

Em relação a categoria tempo e a construção do ciclo de vida profissional, uma das referências mais utilizadas no campo da formação de professores é o trabalho de Huberman (2000), acerca das etapas do percurso profissional dos docentes, ao se tratar do processo de inserção dos docentes na aprendizagem profissional.

Deste modo, Huberman (2000) destaca que o ciclo de vida profissional é o percurso pelo qual o professor dedica-se à profissão docente, visando compreender como os professores percebem-se em diferentes momentos de sua carreira. Com isso, o percurso da vida profissional envolve diferentes fases vivenciadas pelo professor ao longo da sua atuação profissional: a entrada na carreira, a fase de estabilização, a fase de diversificação, a fase de distância afetiva ou serenidade e, por fim, a fase do desinvestimento (HUBERMAN, 2000). A carreira docente pode ser entendida por meio das diferentes fases vivenciadas pelo professor ao longo da sua atuação profissional: a entrada na carreira (de 1 a 3 anos) compreendida como o tempo de sobrevivência e descobertas da docência; a segunda é a fase de estabilização (de 4 a 6 anos), de

identificação profissional; a terceira é a fase de diversificação (de 7 a 25 anos de profissão), momento de experimentações; a quarta é a fase de distância afetiva ou serenidade (de 25 a 35 anos), lugar de serenidade e lamentação; e, por fim, é a fase do desinvestimento (de 35 a 40 anos), próprio do final de carreira profissional (HUBERMAN, 2000).

Huberman (2000) ressalta que o ciclo de vida profissional engloba características semelhantes entre os professores em diferentes fases da carreira, agrupando-as e classificando-as em categorias. O autor identifica diferentes fases no percurso da carreira docente, visando compreender como as pessoas percebem-se como professores em exercício em diferentes momentos de sua carreira. A carreira é marcada por acontecimentos importantes na trajetória do docente, sendo que, dentre eles, há caminhos incertos que possibilitam a mudança de percurso. Esses aspectos, que constituem o percurso da vida do professor, são marcados por mudanças de fases no ciclo de vida profissional. Todavia, destaca-se que estas fases não necessitam ser vividas na mesma ordem e nem segundo os elementos que constituem a profissão.

Nesse sentido, faz-se necessário, como objetivo geral, analisar o grau de satisfação/insatisfação dos professores que atuam na Educação Infantil da rede pública de ensino do Distrito Federal ao longo do ciclo de vida profissional docente; considerando os diferentes momentos da carreira, acontecimentos importantes vividos em sua trajetória pessoal e profissional, as especificidades, temporalidade e condições do trabalho docente. Os objetivos específicos têm em vista: I) Identificar os marcos legais do percurso histórico da Educação Infantil no Brasil; II) Compreender elementos de satisfação/insatisfação do trabalho docente na Educação Infantil; III) Analisar o perfil dos professores que atuam na Educação Infantil relacionando as fases do ciclo de vida profissional.

Para isso, o presente trabalho está organizado em duas partes. A primeira parte compreende essa Introdução e o Memorial descritivo, que busca apresentar situações e experiências vivenciadas pela autora no decorrer dos anos; e que aproximam as memórias ao objeto de estudo sobre o ciclo de vida profissional docente. A segunda parte está dividida em dois capítulos, em um primeiro momento, um embasamento teórico, seguido do percurso metodológico da pesquisa e a análise e discussão dos dados coletados a partir do uso de questionário e entrevista semiestruturada com os professores atuantes na Educação Infantil da rede pública de ensino do Distrito Federal. Ao final, apresentamos considerações finais a respeito dos resultados obtidos, propondo perspectivas futuras para estudo e reflexão sobre o ciclo de vida profissional docente.

PARTE I – MEMORIAL

Desde muito nova sempre escutava dos meus pais que eu precisava estudar muito para passar em uma faculdade pública, pois não havia a possibilidade de cursar em uma faculdade privada por não terem condições de pagar. Naquele tempo eu não entendia tudo isso, nem sabia a diferença de faculdade pública e faculdade privada, ainda não sentia o peso de que se eu não estudasse eu não ia conseguir cursar um nível superior.

Quando estava na Educação Infantil, eu tive uma professora que me marcou muito, a professora Neide, eu nunca tinha conhecido alguém tão boa quanto ela, e boa em todos os aspectos. Ela tinha paixão pelo que fazia, sempre atenciosa com seus alunos, todas as aulas eram ministradas com amor, era notório isso, ela é minha inspiração até hoje e eu nunca a esqueci. A professora Neide via algo em mim que não tinha vista, que eu tinha uma capacidade maior, foi ela que brigou na coordenação da escola para que eu avançasse de nível e depois de tanto brigar, eu avancei uma série. Depois que tive aula com ela, eu decidi que iria ser professora como ela, amar meus alunos como ela amava e cuidava, ela sempre será minha referência.

Fui passando de série em série, sempre com a paixão de ser professora, mas naquela época eu nem tinha noção de que teria que fazer uma graduação, nunca tinha parado para pensar nisso; na verdade, não sabia do verdadeiro sentido das palavras dos meus pais em relação a estudar para passar em uma faculdade pública.

Estudei até a quarta série (hoje o novo 5 ° ano) em São Sebastião e tive sorte de estudar com bons professores, pois a cada ano que se passava o rendimento da escola diminuía. Quando meu irmão estava na terceira série, minha mãe o colocou para estudar na Asa Sul, e logo depois me juntei a ele. Todos criticavam meus pais, os chamavam de doidos, como teriam coragem de colocar duas crianças para acordar cedo e ir pegar ônibus. Meus pais foram bastante criticados por isso, mas mesmo assim nunca deram ouvidos, na verdade sempre falavam que no futuro ia ter o resultado. Meus pais nos colocaram nas melhores escolas da Asa Sul, e era muito difícil encontrar vagas, mas eles conseguiram. Estudei no CEF 02, CASEB, POLIVALENTE (considerada umas das melhores escolas públicas de Brasília) e por fim no CEM SETOR LESTE.

No último ano do Ensino Fundamental I começou o meu maior pesadelo – o BULLYING - por minha aparência e por meu nome, todos os dias faziam piadas, eu chorava tanto, doía na alma, não entendia como podia uma criança fazer isso com outra criança. Eu comecei a me destacar menos, falar menos, me levantar poucas vezes na sala de aula, com medo de me verem, pois tudo era motivo para o bullying. Assim, eu cresci sendo uma criança

insegura, ansiosa, e com todas as cargas emocionais dentro de mim eu não contava para os meus pais, pois não tinha coragem de pronunciar o que eles falavam para mim. Mas o bullying também é um dos motivos que me levou a querer ser professora, ser uma professora que sempre tentará evitar esse tipo de acontecimento dentro de sala de aula, pois só quem passa, sabe o quanto dói.

No quinto ano, nova escola, novos colegas, achei que seria uma nova vida por ninguém me conhecer, pensava que meu pesadelo tinha acabado. Mas fui muito inocente em pensar isso, pois passei todo o meu Ensino Fundamental novamente sofrendo bullying; e por estudar em uma escola na Asa Sul, a maioria dos alunos tinham uma condição boa, ou seja, eu sofria bullying até por não pertencer ao mesmo padrão social dos demais alunos. Mas ao mesmo tempo que me sentia fraca, me sentia forte por aguentar tudo isso e sentir vontade de superar a realidade vivida.

No Ensino Médio, não sofria mais tanto bullying, uma piadinha ou outra, mas nada que mexesse muito comigo. Foi no Ensino Médio que senti a importância de estudar para passar no ENEM ou no vestibular. Logo que entrei no primeiro ano, em quase todas as aulas os professores mencionavam o PAS e ENEM, relatos até mesmo de professores que estudaram na UNB e contavam suas experiências; o quanto era prazeroso dizer que estudou na UNB, a alegria que os pais tiveram. Por isso eu queria essa realidade para mim também, queria dar esse orgulho aos meus pais e estudar em uma das melhores universidades do país. Assim, começa minha trajetória para entrar na UNB. Fiz as três etapas do PAS e eu sempre tendo a certeza de que ia passar. Então para minha surpresa na última etapa do PAS, eu zerei a parte de língua estrangeira, que seria o inglês, e eu estava desclassificada. Lembro-me de chorar durante vários dias. Foi uma época bem difícil da minha vida, mas não deixei de me alegrar com meu irmão, negro, de família pobre, filho de faxineira passar em um curso bem concorrido – Farmácia - na UNB. Foi uma alegria imensa dentro de casa, meus pais choravam muito, foi linda essa cena.

Não posso deixar de mencionar uma outra inspiração para mim. Minha querida mãe veio de uma família extremamente pobre, trabalhou durante anos como faxineira; até que um dia ela resolveu se inscrever em um curso técnico no SENAC, e começou a cursar análises clínicas. Todo final de semana durante dois anos, assim que concluiu seu estágio, ela foi contratada. Sempre foi muito boa no que faz e muitas vezes escutei elogios dos chefes dela, até que precisou iniciar uma faculdade, nos seus quase 40 anos; trabalhando, estudando à noite e quase não tinha tempo para nada. Chegava em casa muito tarde e no outro dia já tinha que ir

trabalhar. Tive o prazer de ajudá-la em várias tarefas, de várias matérias. Eu quase não via minha mãe, mas sentia tanto orgulho dela por nunca ter desistido.

Terminei meu Ensino Médio em 2016, no ano de 2017 fiz o ENEM e entrei na UNB no segundo semestre de 2018. Foi minha maior felicidade, tanto minha como da minha família. E nesse momento começa minha jornada na graduação, aquela loucura toda de estudante; estudar, ler os artigos, fazer trabalhos, apresentar seminários.

No primeiro semestre conheci a professora Kátia e a sua matéria se tratava sobre apresentar a UNB. Logo no semestre seguinte por causa da professora Kátia eu quis entrar no PIBIC que ela coordenava. Era encantador ouvi-la falar, conhecer alunos de graduação, mestrado e doutorado em um único estudo no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação e Atuação de Professores/Pedagogos (GEPFAPe). A participação no projeto de extensão “Círculos Formativos com Professores Iniciantes/Ingressantes”, me trouxe grandes conhecimentos nos encontros. Também destaco como importante as participações em congressos, na semana universitária, pois foram marcantes no meu período da graduação.

A minha escolha de temática do TCC partiu dos meus dois anos no PIBIC, sobre a formação docente; uma profissão tão linda, tão forte, mas tão desvalorizada. Entender como um professor se sente, qual o grau de satisfação dele em relação a sua carreira, poder conhecê-los melhor, me impulsaram a realizar essa pesquisa. Me sinto esperançosa pelo que virá pela frente como pedagoga.

PARTE II - MONOGRAFIA

CAPÍTULO 1 – PERCURSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Partindo do nosso objeto de pesquisa, o grau de satisfação/insatisfação dos professores que atuam na Educação Infantil da rede pública de ensino do Distrito Federal ao longo do ciclo de vida profissional docente; é necessário compreender o percurso histórico da Educação Infantil no Brasil. A etapa da Educação Infantil na Educação Básica é instituída com o crescimento do sistema capitalista. As creches eram vistas como instituições assistencialistas, uma vez que, as mulheres também estavam sendo inseridas no mercado de trabalho; sendo que na época da revolução industrial as mães necessitavam de um lugar para deixar suas crianças enquanto trabalhavam, e por conta disso houve uma movimentação dos operários reivindicando um lugar para deixar seus filhos. Notou-se a importância da Educação Infantil a crianças de todas as classes sociais, e desde então, foi-se ampliando as concepções do cuidar e do educar, formação de professores e também a divisão de responsabilidades aos estados e municípios.

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, sendo que o direito a essa educação é uma conquista, fruto de uma construção social e histórica. O primeiro grande marco na história da Educação Infantil veio com a Constituição Federal do Brasil em 1988, que reconheceu pela primeira vez a creche e a pré-escola como parte do sistema educacional do país. Na Constituição Federal do Brasil (1988), define-se creche/pré-escola como direito da família e dever do estado em oferecer esse serviço.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I – Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

Art. 208. O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de:

III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV - Atendimento em creche e pré-escola às crianças de 0 a 6 anos de idade.

Art. 213. Os recursos públicos serão destinados às escolas, podendo ser dirigidos a escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas, definidas em lei, que:

I – Comprovem finalidade não lucrativa e apliquem seus excedentes financeiros em educação (BRASIL, 1988, p. 138-144).

Durante os anos seguintes amparados pela Constituição Federal do Brasil (1988) percebe-se um avanço considerável em relação a Educação Infantil, sendo dever do Estado e responsabilidade constitucional em ofertar nos municípios. Em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) reafirma os direitos constitucionais:

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990, p. 1).

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se lhes:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - direito de ser respeitado por seus educadores;

III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;

IV - direito de organização e participação em entidades estudantis;

V - acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.

V - acesso à escola pública e gratuita, próxima de sua residência, garantindo-se vagas no mesmo estabelecimento a irmãos que frequentem a mesma etapa ou ciclo de ensino da educação básica (BRASIL, 1990, p. 21).

Em 1994, o MEC publicou o documento Política Nacional da Educação Infantil, que estabeleceu metas como a expansão de vagas e políticas de melhoria da qualidade no atendimento às crianças. Entre elas a necessidade de qualificação de profissionais, que resultou por uma política de formação de professores que estavam atuando na Educação Infantil.

1.1 - Educação Infantil na Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Nesse percurso histórico, em 1996, foi criada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que traz o artigo 62, pioneiro ao estabelecer a necessidade de formação para o profissional da educação infantil.

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco

primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal (BRASIL, 1996, p. 32).

A LDB (1996) institui a Educação Infantil como dever dos municípios e definiu subfaixas: creches para crianças de 0 a 3 anos, e pré-escolas para crianças de 4 a 6 anos. A Educação Infantil passou a ser a primeira etapa da educação básica, integrando-se aos ensinos fundamental e médio.

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30. A educação infantil será oferecida em:

I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;
II - pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade.

Art. 31. A educação infantil será organizada de acordo com as seguintes regras comuns:

I - avaliação mediante acompanhamento e registro do desenvolvimento das crianças, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental;

II - carga horária mínima anual de 800 (oitocentas) horas, distribuída por um mínimo de 200 (duzentos) dias de trabalho educacional;

III - atendimento à criança de, no mínimo, 4 (quatro) horas diárias para o turno parcial e de 7 (sete) horas para a jornada integral;

IV - controle de frequência pela instituição de educação pré-escolar, exigida a frequência mínima de 60% (sessenta por cento) do total de horas;

V - expedição de documentação que permita atestar os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança (BRASIL, 1996, p. 14).

Nesse sentido, a Educação Infantil passou a ser entendida numa concepção do educar e cuidar; cuidar no sentido que as necessidades básicas das crianças sejam atendidas; e no, educar porque deve oferecer à criança a possibilidade de descobertas e aprendizagens.

1.2 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

Buscando direcionamento e orientação para o atendimento escolar na primeira etapa da Educação Básica, são instituídas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2010) a partir da resolução nº 5 de 17 de dezembro de 2009. Segundo este documento as crianças são sujeitos históricos porque fazem parte da sociedade, interagem com a sociedade e com a história do local onde vivem; além disso crianças são sujeitos de direitos e para isso é necessário rememorar dos direitos à educação e direito à saúde. O documento também afirma

que as crianças deverão ter acesso às instituições de ensino em 2 fases, uma primeira fase que não é obrigatória que ocorre do 0-3 anos onde a criança vai ingressar na creche; e a segunda fase é a obrigatória que ocorre dos 4-5 anos e a criança será matriculada na pré-escola, sendo essa obrigatoriedade para crianças que completam 4 anos até o dia 31 de março. É pertinente apontar que essas etapas da Educação Infantil têm características muito diferentes da educação que ocorre no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, isso porque, neste momento não se deve evidenciar a aprovação, reprovação e retenção, pré-requisitos ou qualquer forma de classificação das crianças.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) direcionam que as propostas pedagógicas devem ter como objetivo garantir à criança, acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens; assim como o direito à produção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e a interação com outras crianças. Além das informações sobre a aprendizagem, o documento traz diversas orientações sobre a organização da instituição e caracteriza as instituições de ensino da Educação Infantil (creches e pré-escolas) como espaços não domésticos. Isso significa que a aprendizagem que ocorre domiciliar não é caracterizada ou não é proporcional a Educação Infantil.

Sobre a organização pedagógica as DCNEI (2010) orientam que a Educação Infantil é espaço de educar e cuidar e que a escola tem uma dupla função nessa fase: a sociopolítica e pedagógica. Assim, é dever da escola oferecer condições e recursos para que as crianças usufruam seus direitos civis, humanos e sociais; assumir responsabilidade de compartilhar e complementar a educação e cuidado das crianças com as famílias.

Desse modo, é importante considerar no trabalho com a Educação Infantil o olhar compartilhado, o olhar que vem das duas instituições - a familiar e a escola - possibilitando tanto a convivência entre crianças e entre adultos e crianças. Quanto à ampliação de saberes e conhecimentos de diferentes naturezas, o trabalho com a Educação Infantil deve promover a igualdade, oportunidades educacionais entre as crianças de diferentes classes sociais, construir novas formas de sociabilidade e de subjetividade, evitando a fragmentação do conhecimento ou da criança. Deve-se promover o desenvolvimento das dimensões da criança, sendo essas dimensões a expressivo motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural.

Também é destacado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) a importância de respeitar as especificidades de cada criança, sua religião, faixa etária, etnia e qualquer outra característica da criança. Destaca também a importância da participação da família no ambiente escolar na construção do conhecimento da criança, sendo de suma

importância valorizar e respeitar todo conhecimento da cultura onde a escola está inserida, em outras palavras a cultura e o conhecimento da comunidade onde a criança vive.

Quanto ao Projeto Político Pedagógico (PPP), as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil apresentam como um plano orientador das ações da instituição e define as metas que se pretende para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças que nela são educadas e cuidadas. Também afirmam que o PPP deve ser construído de forma coletiva, revelando a identidade da escola, suas características e a participação da comunidade em sua elaboração.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) abordam os princípios que devem ser seguidos ou inseridos no PPP, mas que também devem ser utilizados por todos os profissionais que atuam na escola e em todo processo de ensino e aprendizagem das crianças: 1- princípios éticos (autonomia, responsabilidade, solidariedade, respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades, saber viver junto ou conviver com o outro); 2 - princípios políticos (direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática); 3 - princípios estéticos (sensibilidade, criatividade, ludicidade e liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais)

Ainda nesse sentido orientador, as DCNEI (2010) definem como eixos curriculares as interações e as brincadeiras; tendo como ponto de partida o currículo como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade; ou seja, ele é a forma de articular todo conhecimento que foi construído pela humanidade buscando sempre esse desenvolvimento de todos os aspectos do aluno, não só o cognitivo, aluno visto de forma integral.

Quanto a concepção de avaliação, as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (2010) definem que deve ser diagnóstica, transformadora ou mediadora, identificando e analisando os momentos de aprendizagem da criança; e possibilitando assim, a tomada de decisão sobre outras ações educativas e de intervenção necessária. Por isso, a utilização da avaliação como seleção, classificação, retenção, reprovação ou exclusão, fechada em um único momento do processo é substituída no documento orientador pela avaliação processual.

E por fim, as DCNEI (2010) apresentam temas transversais que devem ser inseridos na organização do trabalho pedagógico, no currículo e no PPP: combate ao racismo, discriminação e também qualquer tipo de violência, seja física ou psicológica; educação que ocorre em

comunidades indígenas, educação do campo ou quilombola; direitos e deveres do indivíduo e da sociedade; cuidados com o corpo e com a saúde; sustentabilidade e vida social.

1.3 - A Educação Infantil na Base Nacional Comum Curricular

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) define que a Educação Infantil é o início e o fundamento da educação, e na prática é entendida como a base sólida, super importante, a partir da qual, todo conhecimento será construído.

O documento propõe que a função da escola é complementar a educação realizada pela família e menciona que o foco será dado “especialmente nas aprendizagens sobre a socialização, a autonomia e a comunicação”; e por isso, o trabalho ou união entre família e escola é essencial para o processo de aprendizagem das crianças na Educação Infantil.

A BNCC (2018) acrescenta sobre a importância de acolher as vivências e os conhecimentos construídos pela criança, em termos pedagógicos e reconhecer os conhecimentos prévios, as convicções que os alunos já possuem, respeitando as pluralidades culturais. O documento também entende que o objetivo da instituição deve ser o de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens.

No que tange a atuação do professor na Educação Infantil, a BNCC (2018) afirma que é função do professor organizar e propor experiências de aprendizagem, e essa atividade deve ser feita com intencionalidade, com propósito. Por isso mesmo a BNCC estabelece que:

Parte do trabalho de educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar a conjunto das práticas, e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças (BNCC, 2018, p. 39).

A Base Nacional Comum Curricular (2018) prevê que a atividade do professor envolve essa dinâmica, a utilização de diversos recursos e estratégias para acompanhar o processo de aprendizagem e experiências, como a observação sobre a trajetória do aluno feita por meio de relatórios, registros e portfólios. Nesse sentido, a BNCC descreve o aluno como o ser, que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas

interações com o mundo físico e social, não devendo resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo.

Nota-se o aluno é visto como alguém criativo, ativo, questionador, participativo, que interage e está envolvido no seu processo de aprendizagem. A criança constrói seu conhecimento. Assim, a BNCC (2018) aborda a perspectiva da construção cognitiva que é feita pelo aluno e a apropriação do conhecimento que foi sistematizado pela ciência. Para isso, reafirma os dois eixos estruturantes das práticas pedagógicas que vão conectar todas as ações dentro da Educação Infantil, estabelecidos pela LDB (1996) e pelas DCNEI (2010), que são as interações e as brincadeiras. A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções. Para isso, a BNCC (2018) destaca a importância desses dois eixos estruturantes e que eles asseguram a realização dos seis direitos de desenvolvimento e aprendizagem na Educação Infantil:

- **Brincar** - Esse brincar acontecer todos os dias, em diversos espaços, tempos e com diversas crianças e adultos, e para que isso seja possível o segundo direito vai ser o de conviver;
- **Conviver:** conviver com crianças e adultos;
- **Expressar-se:** conversar, produzir diálogos de acordo com suas necessidades;
- **Conhecer-se:** o conhecer a si mesmo, como é referenciado em outros documentos da Educação Infantil. Esse direito é importante para a criança construir uma identidade pessoal, cultural e social que seja positiva tanto em relação a si mesmo, como em relação aos outros;
- **Participar ativamente:** participar de todo processo de ensino e aprendizagem, planejamento, gestão, atividades e brincadeiras;
- **Explorar:** todos os lugares, gestos, texturas, cor, materiais, objetos que estão na escola e fora da escola, ampliando seus saberes sobre a cultura, artes, a escrita, ciência e tecnologia.

Tantos os dois eixos estruturantes como os seis direitos de desenvolvimento e aprendizagem, enfatizam a especificidade da infância, a espontaneidade da criança e também a necessidade de a Educação Infantil valorizar as características e interesses da criança.

A Base Nacional Comum Curricular (2018) também estabelece os campos de experiências e aprendizagens essenciais a serem trabalhados na Educação Infantil. Os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural. A definição e a denominação dos campos de experiências também se baseiam no que dispõem as DCNEI (2010) em relação aos saberes e conhecimentos fundamentais a ser propiciados às crianças e associados às suas experiências. As aprendizagens essenciais são definidas como os conhecimentos, habilidades, comportamentos, vivências e conteúdos científicos que devem permear todo o planejamento pedagógico. Considerando esses saberes e conhecimentos, os campos de experiências em que se organiza a BNCC (2018) são:

- **O eu, o outro e nós**

Construir concepções sobre si, sobre o outro, sobre o individual e também sobre o coletivo; respeitar e expressar sentimentos e emoções. Construir novas relações, respeitando a diversidade, sendo solidários, conhecer e respeitar regras de convívio social. É função da escola construir a aprendizagem/experiências, em que a criança entre em contato com outras culturas, grupos sociais, outras formas de vida para ele conhecer o que é diferente, sempre respeitando as diferenças. Isso é importante, segundo o documento, para que as crianças possam valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos.

- **Corpo, gestos e movimentos**

Refere-se às aprendizagens que reconhecem as funções, atuações, limites do corpo, gestos, movimentos, integridade corporal, tudo dentro desta mesma temática. É função da escola criar momentos onde a criança possa aprender, explorar todas essas habilidades, ou que ela possa vivenciar um amplo repertório de movimentos, gestos, olhares, sons e mímicas, variados modos de ocupação e uso do espaço em o corpo. Também aborda a importância do cuidado com o corpo, saúde, práticas alimentares, higiene e utilizar o corpo de diversas formas.

- **Traços, sons, cores e formas**

Conviver com diversas formas de manifestações artísticas, culturais e científicas, vivenciar diversas formas de linguagem, como artes visuais, pintura, modelagem, colagem, fotografia, música, teatro e outros. Para isso, a escola deve promover momentos onde a criança possa manifestar todas as habilidades, conhecimentos, apreciar as produções artísticas, buscando o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal. Nesse sentido, busca-se a aprendizagem essencial dos traços, sons, cores e formas por meio das artes visuais, utilizando diferentes materiais, relacionando com o outro e empregando gestos, palavras, brincadeiras, jogos, imitações, observações e expressão corporal.

- **Escuta, fala, pensamento e imaginação**

Processo de aprender a falar, se expressar, se comunicar. A criança deve ter contato com diferentes gêneros textuais, expressar ideias, desejos e sentimentos em distintas situações de interação; por diferentes meios, ou seja, se comunicar de várias formas e utilizando recursos diferentes, argumentar e relatar fatos oralmente, em sequência temporal e casual, organizando e adequando sua fala ao contexto em que é produzida. Ouvir, compreender, contar, recontar e criar narrativas. A escola deve favorecer momentos de comunicação, possibilidades de fala, exposição de opiniões; trabalhando a oralidade, e também a relação, manuseio e produção de textos e diferentes gêneros textuais.

- **Espaço, tempos, quantidades, relações e transformações**

As aprendizagens essenciais nesse campo de experiência vão se traduzir em uma atividade cognitiva de comparação, identificação das informações e relações entre elas. As crianças devem compreender os diversos espaços (ruas, bairros cidades, tempo, dias, noites, semanas); o mundo físico (animais, plantas, universo); o mundo sociocultural (os parentes, sociedades); o local onde ela participa, as interações culturais, entre outros. A escola deve criar momentos onde as crianças possam observar, manusear, manipular objetos, investigar, explorar o entorno, levantar hipóteses, consultar informações, ou seja, analisar o todo e se apropriar desses conhecimentos.

Desse modo, a Base Nacional Comum Curricular (2018) propõe, a partir dos campos de experiência, os objetivos de aprendizagem a serem trabalhados e desenvolvidos com as crianças da Educação Infantil; respeitando as faixas etárias, as diferenças de ritmo na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças que precisam ser consideradas na prática pedagógica.

A primeira faixa etária dá-se de 0 a 1 ano, compreendendo o desenvolvimento da criança voltado para si mesma, seu corpo e o mundo que está ao seu redor. Observa-se que os objetivos de aprendizagem para essa faixa etária compreendem o desenvolvimento sensório motor que ainda está ligado a manipulação, ao toque e as ações da criança com outras pessoas. Os objetivos de aprendizagens dentro do desenvolvimento sensório motor enfatizam as imitações, gestos, brincadeiras de encaixe, e outros. Quanto a relação da criança com o mundo, entende-se as ações de balbuciar, apontar, imitar a entonação da voz adulta, conhecer, explorar e manusear todos os materiais disponíveis, interagindo com crianças da sua própria faixa etária e com adultos.

A segunda faixa etária compreende de 1 a 3 anos, com a ampliação das habilidades e interações das crianças entre si e com os adultos, além da compreensão de regras, opinião própria e diálogo com pessoas ao seu redor. A BNCC (2018) faz referência ao desenvolvimento da progressiva autonomia da criança, pela qual fazendo-se compreender, ela compreende o outro e o outro a compreende também. A criança é capaz de fazer relatos, observações, descrever diferenças e semelhanças. Também são enfatizados os objetivos de aprendizagem relacionados ao desenvolvimento motor, como desenhar e não somente traçar, manipular massinha, argila e também apropriar-se em gestos e movimentos que fazem parte da sua cultura.

Na terceira faixa etária, dos 4 aos 5 anos, observamos objetivos de aprendizagem relacionados a cooperação, respeito, solidariedade e também empatia da criança em relação a outras crianças que convivem com ela. Quanto ao desenvolvimento cognitivo, identificamos objetivos relacionados a expressar, se relacionar, escolher atividades e livros por meio de gêneros textuais. Sobre a autonomia, a BNCC (2018) enfatiza a necessidade de a criança desenvolver a autonomia, conhecer seus limites, ter confiança e hábitos de autocuidado durante todo o percurso de aprendizagem.

Portanto, a Base Nacional Comum Curricular (2018) enfatiza a concepção de criança como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo. Ao contrário, impõe a necessidade de imprimir intencionalidade educativa às práticas pedagógicas na Educação Infantil, tanto na creche quanto na pré-escola. Também destaca a importância dessa etapa da educação básica como um período de transição e a necessidade de equilíbrio entre as mudanças que serão introduzidas para que haja uma integração da criança no Ensino Fundamental.

Desacata-se que o processo de construção de uma base curricular está atrelado e regido por sua intenção regulatória. A clareza sobre sua intenção deveria ser o guia para o seu processo de construção e para o tipo de documento a ser elaborado. Nesse contexto, começar fazendo o exercício de responder o que se quer regular e para que se quer regular é de fundamental importância.

Os estudos sobre BNCC nos convida a refletirmos sobre o papel da Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil no contexto da iniciativa atual e no contexto da produção de uma leitura crítica. A partir da clareza em relação as intenção e propósitos do documento produzido um ponto crucial é a ausência da premissa fundamental da educação infantil: a indissociabilidade entre o cuidar e educar, premissa essa amplamente debatida pela área; pois o documento simplesmente negligência sua existência e importância na construção de uma BNCC que compreende a Educação Infantil e suas especificidades.

1.4 – O trabalho docente na Educação Infantil

A Educação Infantil, como demonstrado, ganhou maior importância após a promulgação da Constituição de 1988 e vigência da Lei n 9394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação. A partir daí a criança foi reconhecida pelos seus direitos e sua educação passou a ser considerada como nível de ensino. Nesse contexto então, a discussão sobre a formação docente para a Educação Infantil ganhou relevância despertando assim um interesse em pesquisar tal processo de formação, com o objetivo de analisar a qualificação aliada às necessidades, exigências e propostas dessa área. Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), o Brasil tem mais de 2,6 milhões de professores na educação básica e superior, responsáveis pela educação de 57,7 milhões de brasileiros. Cerca de 80% dos docentes da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio atuam em escolas pública e 15% do total estão em escolas rurais, e na Educação Superior, eles totalizam 220 mil.

De forma um pouco diferente do Ensino Fundamental, a Educação Infantil vem-se constituindo em um espaço/tempo de ensino em que a presença de profissionais com diferentes níveis de qualificação é frequente. Professores com formação superior atuam lado a lado com profissionais que, muitas vezes, só concluíram o ensino fundamental, não possuindo formação específica na área educacional. Muitas vezes, sendo regidos por leis trabalhistas diferenciadas, esses profissionais estão sujeitos a oportunidades de formação continuada também diferenciada.

Com o crescimento da Educação Infantil no Brasil, em que as escolas para as crianças pequenas expuseram desde o início uma característica assistencialista, os professores desta etapa de ensino carregaram em si a função somente de substituição e amplificação da figura materna como menciona Pereira (2012):

[...] apesar da difusão das escolas de educação infantil ser bastante recente se consideramos nosso período histórico, elas vêm arraigadas nessas concepções de assistencialismo e de “substitutas” temporárias da família, sendo os professores colocados em um lugar de extensão da figura materna (PEREIRA, 2012, p. 20).

Partindo desta conjuntura textual e em função das constantes exigências previstas na Lei, torna-se necessário que este profissional da Educação Infantil tenha uma formação inicial concreta, ética, responsável e adequada à especificidade de seu exercício docente, como também permaneça em constante atualização da sua prática educacional. Desse modo, destaque-se a importância da função social do professor, partindo da sua formação inicial que passa a ser um dos pilares importantíssimos para o exercício da docência; no sentido de contribuir para que o professor possa construir cotidianamente a sua concepção acerca do objetivo da profissão, ou seja, construir a sua identidade profissional. Neste sentido, a “formação docente não pode ser vista apenas como um processo de acumulação de conhecimentos de forma estática, como cursos, teorias, leituras e técnicas, mas sim como a contínua reconstrução da identidade pessoal e profissional do professor” (SILVA e GUIMARÃES, 2011, p. 14).

Todavia, não basta tão somente que os professores possuam apenas saberes, é imprescindível que tenham tantos saberes quanto competências, pois: Saberes são conhecimentos teóricos e práticos necessários para o exercício profissional, competências são as qualidades, capacidades, habilidades e atitudes relacionadas aos conhecimentos teóricos e práticos e que permitem o exercício adequado da profissão (LIBÂNEO, apud SILVA E GUIMARÃES, 2011, p. 15).

A profissionalização dos professores da Educação Infantil deve atender a especificidade da criança, o cuidar e o educar, segundo Jesus (2015):

Cuidar e educar implica reconhecer que o desenvolvimento, a construção dos saberes, a constituição do ser humano não ocorre em momentos e de maneira compartimentada. Portanto, na Educação Infantil, o ato de cuidar e educar são

indissociáveis. Não tem como separar essas duas ações. O cuidar e o educar estão nas coisas mais simples da rotina pedagógica da Educação Infantil. (De Jesus, 2015, p 18).

Considerando que é na Educação Infantil em que a criança manifesta suas primeiras experiências, o professor da educação infantil possui uma grande responsabilidade nessa primeira etapa na vida da criança, obrigando-se a estar comprometido com sua atividade educacional, estando preparado para responder às demandas, aos cuidados e aprendizagens da criança; e quanto a família.

Segundo Silva (2018, p. 11) pouco se é falado em como o professor percebe a infância e na maioria das vezes ele mesmo carrega o seu entendimento sobre a infância refletindo o seu ponto de vista em sala de aula e a partir desse conhecimento, irá idealizar uma pedagogia voltada para a criança ou uma pedagogia que molda e pune. Acrescentando ainda que o professor não deve apoiar-se somente nas primeiras experiências vividas na sua entrada no ambiente escolar, mesmo sob novos entendimentos, muitos professores mantem sua raiz inicial até mesmo com uma constante evolução do mundo. Silva (2018) aborda que:

O professor compreende, no decorrer da sua formação acadêmica, que é necessário que as crianças vivenciem experiências e situações que auxiliem na sua autonomia e convivência, porém, ao se deparar com dificuldades em sua turma, acaba realizando atividades punitivas, que não favorecem o processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança (Silva, 2018, p. 11).

Nesse sentido, percebemos que em relação as condições de trabalho docente na Educação Infantil, Cardoso (2020) aponta uma desvalorização profissional docente, em que o professor é delineado “[...] a partir de interesses voltados para atender a um mercado de trabalho explorador e alienador [...]”. Sendo assim, a profissão docente vem sendo organizada na sociedade capitalista como um trabalho que está à disposição da sociedade, que deve atender os interesses capitalistas, vendendo sua força de trabalho e apresentando resultados. E com isso para sobreviver não lhe resta outra alternativa a não ser vender sua força de trabalho. E por mais que o professor tenha todo conhecimento necessário sobre o trabalho escolar, suas metas e objetivos para o seu fazer pedagógico, ainda assim, a sua prática permanece alienada, pois o produto do seu trabalho, que é o ato de ensinar, são determinados por outros, e mesmo com a condição de trabalho em que estão inseridos, são responsabilizados pelo fracasso da escola.

Ainda nesse contexto do trabalho docente na Educação Infantil, o Currículo em Movimento do Distrito Federal - Educação Infantil (2018) aponta para o olhar que os professores devem ter do aluno como um sujeito histórico-cultural e ativo. Mesmo existindo diversas concepções que permeiam o campo da educação nas práticas pedagógicas baseadas em um pensamento espontaneísta ou numa concepção naturalista; a concepção da pedagogia histórico-crítica e da psicologia histórico cultural abordadas pelo Currículo em Movimento consideram o professor atuante na Educação Infantil numa perspectiva de mediador da aprendizagem do estudante, oferecendo oportunidades de a criança atuar como um ser ativo e participativo em todo processo de ensino.

Essas distintas concepções permeiam o campo da educação quando se identificam práticas pedagógicas, orientadas às crianças, ora baseadas em um pensamento espontaneísta, desprovido de intencionalidade educativa, ora apoiadas em uma concepção naturalista, a qual se vale de métodos coercitivos e de avaliações comportamentais cujos prêmios e castigos ocupam lugar de destaque para a obtenção do comportamento desejado. Isso ocorre, portanto, quando o professor não acredita nas possibilidades de desenvolvimento da criança, desconsiderando-a como sujeito ativo e participativo (DISTRITO FEDERAL, 2018, pag.22).

De acordo com a pesquisa feita por Cardoso (2020), há um maior percentual de professores do sexo feminino atuando na Educação Infantil. Dos 64 professores respondentes do questionário, apenas um professor do sexo masculino foi identificado. Conforme Brasil, MEC/INEP (2009) na Educação Infantil há um percentual elevado com 97,9 % de mulheres. Ainda sobre a pesquisa de Cardoso (2020), foi identificado que 87 % do professores que atuam há menos de cinco (05) anos na Educação Infantil, ou seja, são professores iniciantes, com poucas experiências.

Assim, atualmente a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal conta com dois mil duzentos e três (2.203) professores atuantes na Educação Infantil, atendendo quarenta e sete mil, seiscentos e cinquenta e quatro (47.654) estudantes. A rede pública do Distrito Federal estrutura a oferta da Educação Infantil em duzentos e setenta e duas (272) escolas, sendo vinte e oito (28) Jardins de Infância (JI), quarenta e dois (42) Centros de Educação Infantil (CEI), quatorze (14) Centros de Atenção Integral à Criança (CAIC). E para atender a demanda da Educação Infantil (creche + pré-escola), a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal tem coligação com cento e vinte e duas (122) entidades filantrópicas, sendo sessenta e

quatro (64) instituições parceiras e cinquenta e oito (58) Centros de Ensino de Primeira Infância (CEPIs). Essas entidades são responsáveis pelo atendimento de 23 mil crianças.

Por fim, destaca-se nos documentos da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal que a intencionalidade do trabalho docente educativo com crianças das mais diversas culturas deve estabelecer vínculos com seus valores culturais, sociais, históricos e econômicos de suas comunidades, onde a instituição que oferta Educação Infantil se estabelece como “um espaço de diálogo entre o conhecimento escolar e a realidade social das crianças, valorizando o desenvolvimento sustentável, o trabalho, a cultura, a luta pelo direito à terra e ao território” (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 23). No cotidiano da Educação Infantil, o docente deverá propiciar momentos de escuta e rodas de conversa com vistas a identificar as características culturais individuais das crianças.

CAPÍTULO 2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DA PESQUISA

Segundo Fonseca (2002), *methodos* significa organização, e *logos*, estudo sistemático, pesquisa, investigação; ou seja, metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência. Com o objetivo de analisar o grau de satisfação/insatisfação dos professores que atuam na Educação Infantil da rede pública de ensino do Distrito Federal ao longo do ciclo de vida profissional docente, realizamos uma pesquisa documental sobre o percurso histórico da Educação Infantil no Brasil e levantamento quantitativo e qualitativo dos docentes atuantes nessa etapa de ensino.

2.1 – Metodologia

Para realização desta pesquisa e alcance dos objetivos propostos, utilizamos dois instrumentos metodológicos de caráter quantitativo e qualitativo; sendo a primeira etapa da pesquisa realizada por meio de aplicação de questionário aos docentes atuantes na Educação Infantil e a segunda etapa com a realização de entrevista semiestruturada com duas professoras respondentes do questionário aplicado. As duas etapas da pesquisa têm como objetivo levantar o perfil dos sujeitos participantes da pesquisa e extrair concepções relacionadas as fases do ciclo de vida profissional. O questionário e a entrevista semiestruturada se pautarão por verificar padrões de respostas entre os professores do mesmo recorte temporal afim de identificar o grau de satisfação/insatisfação dos professores que atuam na Educação Infantil da rede pública de ensino do Distrito Federal.

O questionário composto por perguntas fechadas e abertas foi aplicado para quatrocentos e trinta e sete (437) professores atuantes na Educação Básica no Distrito Federal, sendo desses, trinta e quatro (34) respondidos online. Nesse percurso, realizamos um recorte dentre os 437 (quatrocentos e trinta e sete) questionários respondidos, considerando para nossa pesquisa o total de sessenta e quatro (64) docentes respondentes que atuam na Educação Infantil. Após a aplicação do questionário, organizamos as respostas dadas às questões considerando as fases do tempo de vida profissional - 0 a 5 anos, 6 a 10 anos, 11 a 20 anos, 21 a 25 anos e acima de 25 anos. As fases foram delimitadas a partir do contexto de vida profissional e da Carreira Magistério Público da rede pública de ensino do DF, considerando também os estudos de Huberman (2000) sobre as fases da carreira docente vivenciadas pelo professor ao longo da sua atuação profissional.

No Quadro 1 a seguir, podemos identificar o quantitativo de professores atuantes na Educação Infantil que responderam ao questionário aplicado e a fase do tempo de vida profissional em que se encontram.

Quadro 1 – Quantitativo de professores da Educação Infantil que responderam ao questionário

Tempo de vida profissional	0 a 5 anos	6 a 10 anos	11 a 15 anos	16 a 20 anos	21 a 25 anos	Mais de 25 anos
Número de professores	45	11	03	01	03	01
Total de professores respondentes	64					

Fonte: Elaborado pela autora em março de 2022.

Após esse levantamento quantitativo dos professores respondentes do questionário, para a análise consideramos as respostas dadas às questões 10, 11, 16, 17, 19 e 21; que tratam de elementos relacionados às fases de tempo de vida profissional, buscando assim, compreender o grau de satisfação/insatisfação referente ao trabalho docente dos docentes atuantes na Educação Infantil na rede pública de ensino do Distrito Federal.

Quanto a realização das duas entrevistas semiestruturadas, consideramos um roteiro previamente elaborado e como sujeitos da pesquisa, duas professoras que atuam na Educação Infantil. As entrevistas foram transcritas e analisadas por meio do Excel 2018, com a criação de tabelas comparativas das respostas dos sujeitos. A análise das respostas dadas na entrevista partiu de implicações através da narrativa, da comparação e repetição de palavras e articulação das especificidades vividas nas fases do tempo de vida profissional.

2.2 – Análise dos dados

A temática satisfação profissional ou satisfação no trabalho tem sido foco central de estudos relacionados ao percurso profissional docente (ALVES, 1997; BOGLER, 2002; FOLLE; POZZOBON, 2007; PEDRO; PEIXOTO, 2006; RODRÍGUES et al., 2005; SORIANO; WINTERSTEIN, 1998; STOCKARD; LEHMAN, 2004), sendo considerada um fenômeno complexo e de difícil definição. Uma fonte interna que direciona ou canaliza o

comportamento do indivíduo, ou seja, um estado subjetivo que varia de sujeito para sujeito, de circunstância para circunstância e ao longo do tempo para um mesmo indivíduo (ACIOLY, 2005; NOGUEIRA, 1993).

A satisfação profissional pode ser compreendida tanto como um conjunto de sentimentos favoráveis ou desfavoráveis em relação ao contexto de atuação (MORETTI, 2003), quanto um sentimento positivo dos professores perante a sua profissão, originados por fatores contextuais e/ou pessoais e exteriorizados pela dedicação, defesa e felicidade com o trabalho desenvolvido (ALVES, 1997).

Assim, partindo do objetivo principal desta pesquisa, analisar o grau de satisfação/insatisfação dos professores que atuam na Educação Infantil da rede pública de ensino do Distrito Federal ao longo do ciclo de vida profissional docente; realizamos a análise do questionário aplicado partindo das respostas dadas às questões 10, 11, 16, 17, 19 e 21. Essas questões tratam principalmente de elementos relacionados às fases de vivência na carreira docente, formação continuada e percepções sobre a escola e a vida profissional.

No Quadro 2 verificamos que em relação a questão 10 do questionário aplicado, foi solicitado que os professores indicassem dentre as opções oferecidas, quais as principais razões que os levaram a escolher a docência, podendo escolher mais de um motivo.

Quadro 2 – Respostas dadas à questão 10 do questionário

QUANTITATIVO DE RESPOSTAS	RAZÕES QUE OS LEVARAM A ESCOLHER A DOCÊNCIA
12	Por dar maior acesso ao mercado de trabalho.
13	Por influência/tradição na família.
41	Por interesse específico pela profissão.
0	Por não gostar dos outros cursos disponíveis.
1	Por não ter outra opção.
2	Por oferecer maior estabilidade no trabalho.
1	Por questões financeiras.
20	Por interesse específico pela área de conhecimento.
1	Outros. Especifique: <i>aprender conhecimentos para atuar com pessoas, adolescentes, crianças, 3ª idade.</i>
1	Não respondeu.

Fonte: Elaborado conforme dados da pesquisa e respostas ao questionário.

Verificamos que duas opções foram mais escolhidas pelos professores - o interesse específico pela profissão e o interesse pela área de conhecimento – retratando assim, o gosto pela profissão docente, pela docência na Educação Infantil e até mesmo a satisfação e identificação em atuar na área de educação, com suas temáticas, assuntos e conteúdos abordados. Também é importante destacar outras duas opções que foram escolhidas pelos professores, que se referem a escolha pela profissão docente dar maior acesso ao mercado de trabalho, mais oportunidade de emprego, a possibilidade de concursos; e a escolha pela docência por influência/tradição na família, sendo a experiência familiar uma forte referência e indicação para a escolha da profissão.

Como a maior parte dos professores atuantes na Educação Infantil que responderam à questão 10 do questionário se encontram nas fases de tempo da vida profissional de 0 a 5 anos ou de 6 a 10 anos, podemos afirmar que a escolha e interesse específico pela profissão docente abrange os professores em início de carreira, mas também aqueles que estão em outros momentos do ciclo de vida profissional.

Quanto a questão 11, foi solicitado ao docente que respondesse em qual momento da vida profissional a formação continuada foi/está sendo significativa para o trabalho pedagógico.

Quadro 3 – Respostas dadas à questão 11 do questionário

QUANTITATIVO DE RESPOSTAS	MOMENTO DA VIDA PROFISSIONAL A FORMAÇÃO CONTINUADA FOI/ESTÁ SENDO MAIS SIGNIFICATIVA PARA O TRABALHO PEDAGÓGICO
30	Até 5 anos
11	De 6 a 10 anos
3	De 11 a 15 anos
2	De 16 a 20 anos
2	De 21 a 25 anos
4	Acima de 25 anos
3	Nenhum
7	Não respondeu
2	Outros. Especifique: <i>Foi e continua sendo significativa o tempo todo.</i>

Fonte: Elaborado conforme dados da pesquisa e respostas ao questionário.

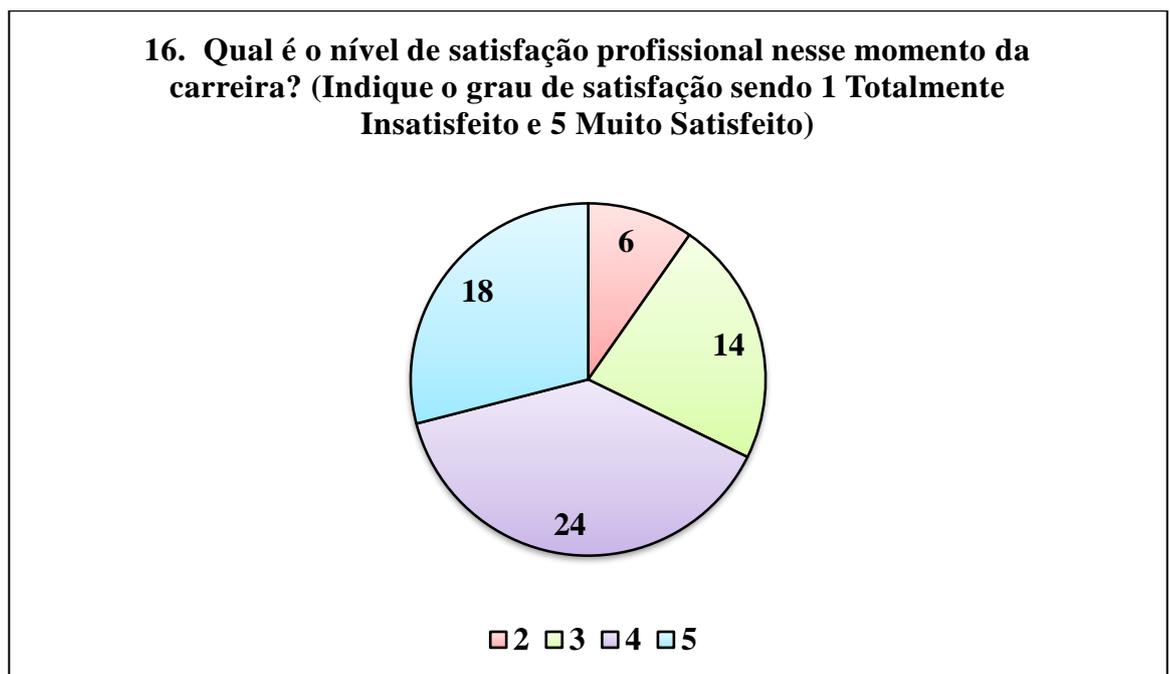
Percebemos no Quadro 3 que quase 50% dos professores afirmaram que a formação continuada vivenciada no período de 0 a 5 anos de sua vida profissional foi/é o mais

significativo para o seu trabalho pedagógico. Destacamos que essa fase da vida profissional representa o início na profissão e na carreira, momento em que eles passam da posição de alunos da graduação - formação inicial - para professores. Essa apresenta dificuldades com o exercício da profissão, ela sai da teoria que é o curso de graduação, e entra na prática, sendo a sala de aula. É possível ver que quando o professor sai da sua formação iniciada, com uma defasagem em algumas áreas, o exemplo disso pode ser o professor da educação infantil, na educação infantil tem especificidades, e muitas das vezes ele sai da graduação sem entender quais são essas especificidades, então ele procura na formação continuada compreender melhor a área em que está atuando.

Mas também, há um número significativo de professores de 6 a 10 anos, que percebem que a formação continuada da mesma forma é importante nos 10 primeiros anos da carreira, ou seja, podemos ver que em todas as fases da carreira do docente devemos sempre estar buscando cada vez mais estudos, pós, mestrados, doutorados para estar se aprimorando cada vez mais. É mencionado também que a formação continuada foi e continua sendo significativa, e o tempo todo é.

A questão 16 aborda sobre o nível de satisfação profissional no momento da carreira vivenciado pelos professores, sendo a opção um (01) para totalmente insatisfeito e a opção cinco (05) para muito satisfeito.

Gráfico 1 – Respostas dadas à questão 16 do questionário



Fonte: Elaborado conforme dados da pesquisa e respostas ao questionário.

Destacamos, conforme a Tabela 1, que nessa questão nenhum professor respondeu que está insatisfeito profissionalmente, tendo a maioria escolhido estar satisfeito ou muito satisfeito com a profissão no momento vivido na carreira. Desse modo, podemos afirmar que 66% dos professores respondentes e atuantes na Educação Infantil estão satisfeitos com a sua profissão. Podemos relacionar esse grau de satisfação com as razões que os levaram a escolher a profissão docente (respostas da questão 10), em que os professores afirmam o interesse pela profissão e pela área de conhecimento da educação. Esse percentual de satisfação com a profissão docente também se relaciona com a fase do tempo de vida profissional em que se encontram a maioria dos professores atuantes na Educação Infantil – de 0 a 5 anos e de 6 a 10 anos. O nível de satisfação também se relaciona com as repostas dadas à questão 19, que trata dos aspectos que os professores acham mais positivos para o trabalho docente.

Quanto a questão 17, os professores deveriam escolher dentre as opções estabelecidas aquela que mais retrata o modo como se sentem atualmente na carreira docente.

Quadro 4 – Respostas dadas à questão 17 do questionário

QUANTITATIVO DE RESPOSTAS	MODO COMO SE SENTE ATUALMENTE NA CARREIRA
12	Preocupado, angustiado, com medo, sentindo-se solitário. Percebo que há uma distância entre os ideais e as realidades cotidianas da sala de aula, há uma fragmentação do trabalho, sinto dificuldade em conciliar a relação pedagógica e a transmissão de conhecimentos, percebo uma oscilação entre relações demasiado íntimas e demasiado distantes, sinto dificuldades com alunos que criam problemas, dificuldade com material didático inadequado e sinto falta de apoio e orientação.
23	Entusiasmado diante das novidades que vão sendo desvendadas a cada dia na profissão e que estão atreladas à experiência de me sentir responsável por uma turma ou por me sentir como membro de um grupo.
13	Estabilizado, vivenciando sentimentos de comprometimento definitivo com a docência e, ainda, assumindo responsabilidades.
8	Fazendo experimentações, vivendo um momento de diversificação em que sinto que estou rompendo com a rigidez pedagógica, começo a criar e inovar o meu trabalho, sem seguir rigidamente os livros didáticos.
1	Em um estado de questionamento, com dúvidas quanto à carreira e quanto à profissão.

5	Em um estado de serenidade e distanciamento afetivo, sinto-me sereno na profissão e procuro-me distanciar das lamentações frente à profissão.
0	Em um estado de desinvestimento na profissão, estou-me afastando da profissão e dedicando meu tempo mais a mim mesmo. Não tenho interesse em investir em cursos e qualificações profissionais.
1	Outro. Especifique: <i>Em um estado de admissibilidade de responsabilidade de terceiros.</i>

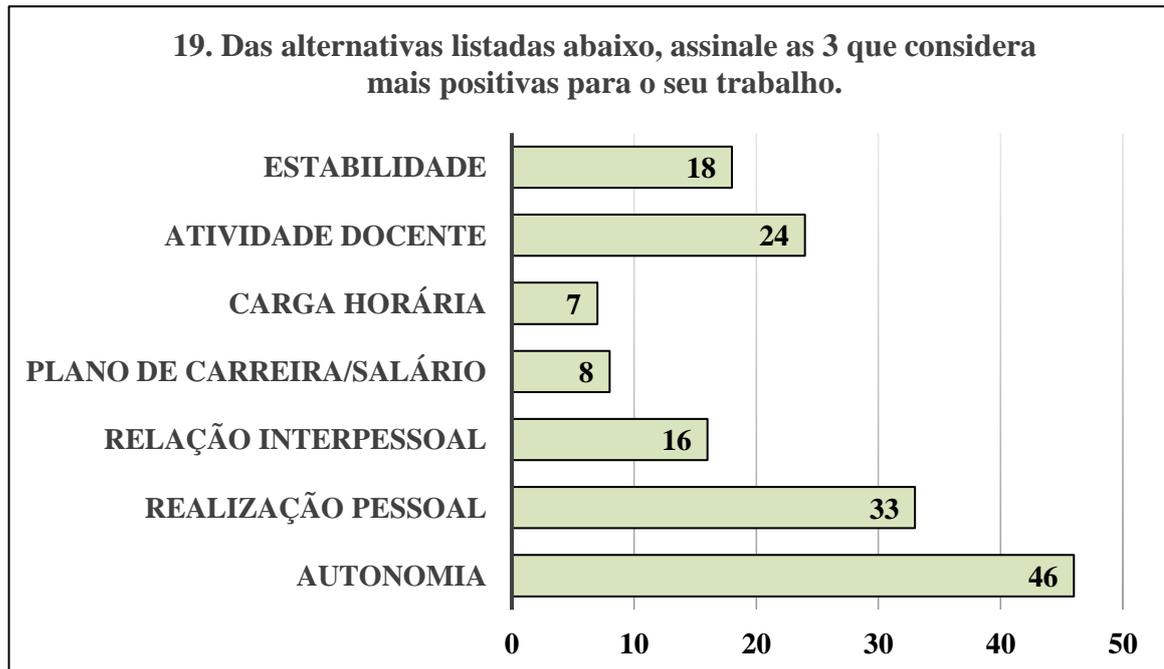
Fonte: Elaborado conforme dados da pesquisa e respostas ao questionário.

Podemos perceber no quadro 4 que 55% dos professores (35 docentes) afirmam estarem entusiasmados diante das novidades que vão sendo desvendadas a cada dia na profissão e que estão atreladas à experiência de se sentir responsável por uma turma ou por se sentir como membro de um grupo; ou se sentem estabilizados, vivenciando sentimentos de comprometimento definitivo com a docência e, ainda, assumindo responsabilidades. Essas respostas dadas à questão 17 também se relacionam com o nível de satisfação com a profissão docente e com a fase de vida profissional em que se encontram a maioria dos professores atuantes na Educação Infantil.

Consideramos significativo que 19% dos professores (12 docentes) afirmaram estarem preocupados, angustiados, com medo, sentindo-se solitários nesse momento vivido na carreira. Eles acreditam que há uma distância entre os ideais e as realidades cotidianas da sala de aula, há uma fragmentação do trabalho, enfrentando dificuldade em conciliar a relação pedagógica e a transmissão de conhecimentos; percebendo uma oscilação entre relações demasiado íntimas e demasiado distantes, e sentindo dificuldade com alunos que criam problemas, dificuldade com material didático inadequado e falta de apoio e orientação. Assim, podemos perceber que o nível de satisfação com a profissão docente também carrega limites e elementos de dificuldade que fazem parte do início da carreira e da pouca experiência com a docência ao longo do ciclo de vida profissional.

Na questão 19, os professores deveriam escolher dentre as alternativas propostas, as três (3) que consideram mais positivas para o seu trabalho. Como podemos verificar na tabela 2, os professores consideram como elementos mais positivos para o seu trabalho: a autonomia, a realização pessoal e a atividade docente. A estabilidade e a relação interpessoal também se destacam como elementos positivos para o desenvolvimento do trabalho docente segundo os professores atuantes na Educação Infantil.

Gráfico 2 – Respostas dadas à questão 19 do questionário



Fonte: Elaborado conforme dados da pesquisa e respostas ao questionário.

Destacamos que 72% dos professores (46 respondentes) afirmam que a autonomia é o elemento mais positivo para o desenvolvimento de sua profissão docente. Essa autonomia pode estar atrelada ao planejamento pedagógico dos professores, o domínio da sala de aula e a realização na profissão.

Os elementos da realização pessoal e da atividade docente também receberam destaque como positivos para o trabalho dos professores. Esses elementos se relacionam com as respostas dadas às questões 10 e 16. A escolha pela docência por interesse pela profissão e o nível de satisfação entre “satisfeito” e “muito satisfeito” se reafirmam a partir dos elementos da realização pessoal, atividade docente e relação interpessoal. O nível de satisfação dos professores em relação ao trabalho docente também se relacionam aos elementos da estabilidade, carga horária, plano de carreira/salário. Esses elementos podem ser motivadores para os professores estarem satisfeitos ou muito satisfeitos com a docência na Educação Infantil.

E por fim na questão 21, os professores responderam sobre como percebem o nível de reconhecimento social em relação ao profissional professor. Como podemos observar no Quadro 5, essa questão nos remete a percepção da docência por parte da sociedade e como essa percepção pode ser sentida/percebida pelos professores atuantes na Educação Infantil.

Quadro 5 – Respostas dadas à questão 21 do questionário

QUANTITATIVO DE RESPOSTAS	NÍVEL DE RECONHECIMENTO SOCIAL EM RELAÇÃO AO PROFISSIONAL PROFESSOR
6	Muito bom
11	Bom
20	Médio
13	Ruim
8	Muito ruim
6	Não respondeu

Fonte: Elaborado conforme dados da pesquisa e respostas ao questionário.

Destacamos que mais de 50% dos professores respondentes (33 docentes) afirmaram que o nível de reconhecimento social em relação ao profissional professor se encontra entre médio e ruim. Essa percepção sobre a docência e vida profissional pode estar relacionada a desvalorização da profissão por parte da sociedade e também por parte das políticas públicas educacionais; no que se refere aos planos de carreira e salários, ausência de uma política nacional de formação de professores, desrespeito aos professores em sala de aula e falta de reconhecimento da importância do trabalho docente pelo Estado.

A desvalorização da profissão docente não afeta apenas o professor como profissional em sua individualidade, afeta todo o futuro de uma nação, na medida em que, se a carreira docente não é atraente, não atrai os melhores talentos, que disputariam uma vaga em concurso público que acene com salários mais convidativos, e o ensino, cada vez menos valorizado, cada vez mais estigmatizado, já não estimula os jovens a abraçarem essa carreira que, assim, decai, porque não logra despertar a vocação para a missão de educar (ANTÔNIO GABRIEL, 2014).

Assim, as respostas dadas às questões 10, 11, 16, 17, 19 e 21 do questionário aplicado revelam importantes considerações relacionadas às fases de tempo de vida profissional e o grau de satisfação/insatisfação dos professores atuantes na Educação Infantil na rede pública de ensino do Distrito Federal. Concluímos que 87,5 % dos professores participantes estão inseridos nos primeiros 10 anos do tempo de vida profissional, demonstrando satisfação e interesse pela profissão docente e por sua área de conhecimento. A análise do questionário também nos possibilitou compreender que é nessa fase dos primeiros 10 anos do tempo de vida profissional que a formação continuada foi/está sendo mais significativa para o trabalho pedagógico e por

isso se sentem entusiasmados e motivados com as novas experiências vividas na profissão. Nesse sentido, mesmo com a percepção do nível de reconhecimento social em relação ao profissional professor se encontrando entre médio e ruim, apontamos que o professor atuante na Educação Infantil da rede pública de ensino do Distrito Federal está satisfeito ou muito satisfeito com a profissão docente; e acredita que a autonomia, a realização pessoal, a atividade docente e a estabilidade são os elementos mais positivos para o seu trabalho.

Quanto a segunda etapa da nossa pesquisa, realizamos uma entrevista semiestruturada com duas professoras (A e B) atuantes em turmas da Educação Infantil com atuação de 23 anos de carreira na rede pública de ensino do Distrito Federal e que responderam à aplicação do questionário aplicado na primeira etapa. Como as entrevistas foram realizadas em 2021, ainda no período mais intenso da Pandemia da COVID 19, podemos perceber na fala das duas professoras o cansaço e o desgaste físico e mental em decorrência das mudanças no trabalho docente e do ensino remoto; a dificuldade em lidar com ferramentas digitais e a formação aligeirada ofertada pela Secretaria de Educação.

As duas professoras (A e B) relataram alguns momentos vividos na carreira docente que foram marcantes ao longo de seu ciclo de vida profissional, passando por diversos cargos e funções, como regentes de sala de aula e até chegarem à docência em turmas da Educação Infantil, onde ambas afirmaram que “se encontraram” na etapa da educação básica que consideram muito importante.

Destacamos que a entrevista semiestruturada compreende 16 (dezesseis) questões abrangendo trajetória profissional, atividades exercidas na carreira docente, desafios e condições de trabalho. Dentre as 16 (dezesseis) questões propostas, consideramos as questões de 4 a 8 e 11, 12, 14 e 15 mais relevantes para a compreensão do grau de satisfação/insatisfação dos professores que atuam na Educação Infantil da rede pública de ensino do Distrito Federal ao longo do ciclo de vida profissional docente.

Quanto a questão **4 (Quais foram os maiores desafios na vida profissional? Por quê?)**, a *Professora A* afirma ter vivido muitos desafios, sendo o primeiro foi quando entrou na secretaria com 18 anos e não tinha experiência profissional, por ter saído da faculdade somente com a bagagem teórica. Assim, quando adentrou a sala de aula, faltava-lhe a prática, para lidar com os pais, alunos com dificuldades, a falta de recursos pelo fato de a escola ser em uma área de extrema pobreza, e com o desgaste emocional. A professora também relatou o grande desafio vivido recentemente com o período da pandemia e as dificuldades trazidas pelo ensino remoto.

O fato de estarmos em uma pandemia, pode ter agravado mais ainda, de um dia para outro foi mudada a dinâmica escolar por inteira, fazendo com que os docentes se reinventasse para adquirir um novo estilo de educação, o ensino remoto, e com isso trouxe grandes problemas a sua saúde mental, e a desvalorização do profissional docente, e muitas cobranças. A falta de apoio da gestão e o falecimento de alguns colegas em decorrência a COVID-19 (professora A).

A *professora B* relata como maiores desafios na vida profissional a falta de prática e de recursos no início da carreira, a depressão que passou por sofrer um aborto e o quanto isso ainda a machuca até hoje.

Na questão 5 (**O que tornou mais fácil a sua vida profissional? Por quê?**), a *professora A* destacou em sua fala a maturidade por ter iniciado sua vida profissional cedo e que essa maturidade foi um fator que tornou mais fácil à docência. Para ela a maturidade é algo que se constrói com o decorrer dos anos, não precisa necessariamente estar ligada a idade, pois tem mais a ver com a qualidade de experiências que se vive do que com a quantidade. A *professora A* também expressa que sempre quis ser professora, sendo um sonho desde criança. Nesse sentido, podemos relacionar esse sonho de criança ter se realizado com a satisfação que a professora possui com sua vida profissional. Pessoas que conseguem realizar seus objetivos pessoais, se sentem realizadas na vida.

A *professora B*, apesar das dificuldades que a profissão traz, considera o fato de ter se encontrado na profissão e dentro da educação. O apreço por trabalhar com a Educação Infantil, trabalhar com o que gosta, tornou mais fácil a sua vida profissional. Para a *professora B* o trabalho do professor se torna mais leve quando esse encontro com a profissão de fato acontece, o professor se sente mais feliz. A docente ainda afirma que escolher uma profissão é um desafio porque normalmente é necessário fazer a escolha sem conhecer a profissão na prática; mas é muito gratificante quando o profissional se encontra satisfeito com sua profissão. As *professoras A e B* destacaram que as oportunidades de atuação e o tempo de carreira na SEDF proporcionaram amadurecimento em suas práticas pedagógicas, uma vez que ambas tiveram como formação inicial o Curso de Magistério e ingressam aos 18 anos na rede pública de ensino.

*[...] Primeiro a maturidade né, como falei eu comecei muito cedo, e com 18 anos eu não tinha experiência nenhuma, nem de vida pra dizer a verdade [...]
[...]eu sempre quis ser professora, um sonho meu de criança, então o que torna fácil é saber o que eu queria [...]* (Professora A)

[...] eu me encontrei dentro da educação, eu gosto de trabalhar com a educação infantil [...]

[...] então é uma coisa que realmente quando a gente trabalha com uma coisa que gosta, facilita, tem várias coisas que dificultam, mas o fato de eu estar trabalhando com os meninos de 4-5 anos é uma coisa que me deixa muito feliz que me motiva[...] (Professora B)

Em relação a questão 6 (**Se fosse narrar a sua vida profissional em etapas, quais seriam?**), a *professora A* considera a primeira etapa aquela vivida logo após a sua formação inicial. A segunda etapa é considerada a que vem com o ganho de experiência, segurança e a maturidade para o trabalho docente. E uma última etapa seria a atuação na Educação Infantil, mesmo tendo passado por diversos cargos dentro da escola. A docente afirma que teria vontade de ingressar em um curso de Mestrado, mas devido aos seus problemas de saúde não se sente segura em fazer. Podemos perceber que mesmo na fase final do ciclo de vida profissional, a professora considera importante e percebe a necessidade de vivenciar a formação continuada.

A *professora B* considera a etapa inicial de sua vida profissional, o momento que entra na rede de ensino, ainda na época do Magistério e logo após ingressada na carreira, cursou Pedagogia. A segunda etapa seria a vivência na profissão, a mudança da regência em sala de aula para a coordenação pedagógica, tendo assim participado de cursos para coordenador pedagógico. A última etapa teve início com o trabalho na Educação Infantil.

Desse modo, podemos perceber que para as professoras, as etapas da vida profissional envolvem três grandes momentos, sendo o primeiro o ingresso na profissão, o segundo o momento de vivência e maturidade e o último, a identificação e satisfação com a área de atuação escolhida.

Nesse sentido, verificamos que nas respostas para a questão 7 (**Ao passar os anos na profissão, você se sente mais realizado ou não? Por quê?**), tanto a *professora A* quanto a *professora B* afirmam estarem na fase de 21 a 25 anos do ciclo de vida profissional. Elas se sentem realizadas, mesmo com o passar dos anos. Podemos relacionar essa afirmação com as respostas dadas às questões do questionário em que tanto os professores que estão no início de carreira, quanto os mais experientes, estão satisfeitos e se sentem realizados profissionalmente. É importante mencionar que a *professora B* afirmou que só se sentiu realizada quando assumiu as turmas da Educação Infantil, em uma etapa de final da carreira docente.

[...] Eu me sinto realizada, acho que ao passar dos anos, contudo, eu me sinto satisfeita com o trabalho em salas de aula [...] (Professora A)

[...] Eu me sinto realizada por isso tudo que eu falei, eu cheguei naquele momento mesmo que eu não estava satisfeita na rede, muita cobrança, pouco suporte, inclusive de formação, e aí quando eu fui pra educação infantil eu me sinto sim realizada no trabalho que eu faço. [...] (Professora B)

Quanto a questão 8 (**Como você se sente neste momento atual da sua vida profissional?**), a *professora A* destaca estar sobrecarregada por causa da pandemia, apesar de se sentir realizada. A pandemia foi um momento muito crucial na vida de muitos profissionais, principalmente na vida dos professores, pois o excesso de trabalho causou muito adoecimento tanto físico como mental, e uma das maiores dificuldades que os professores tiveram foi a migração do formato presencial para o virtual.

[...] Apesar de eu me sentir muito realizada com a educação infantil e tudo mais, com a etapa que eu escolhi, que é ser professora, eu me sinto sobrecarregada por causa dessa pandemia [...] (Professora A).

A *professora B* destaca de igual modo seus sentimentos no atual momento da carreira. O cansaço, gastos extras para com a tecnologia, o acúmulo do trabalho, estresse, o manuseio das tecnologias passaram a fazer parte com maior frequência da rotina dos professores.

[...]Eu me sinto desgastada. Apesar de estar satisfeita de trabalhar na educação infantil, mas neste momento eu estou cansada, desgastada [...] (Professora B).

Na questão 11 (**Como você vê a profissão docente ao longo da sua vida profissional?**), percebemos que tanto os professores que responderam ao questionário quanto as *professoras A e B* entrevistadas relataram suas percepções sobre a desvalorização do professor na sociedade. A desvalorização do professor pode estar ligada a vários fatores, como salários baixos, falta de reconhecimento da comunidade escolar e dos pais para com os professores. Segundo Cericato (2016),

[...]É preciso propor ações efetivas que articulem a formação inicial, a valorização da carreira, as condições de trabalho e a remuneração. Estamos diante de complexas questões e seria ingenuidade pensar que possam ser resolvidas facilmente; ainda assim, é necessário que sejam consideradas no

contexto de políticas educacionais que contribuam para a atratividade e retenção de bons profissionais para a docência (CERICATO, 2016, p.285).

A *professora A* informa que em sua sala de aula é realizada uma dinâmica em que se pergunta aos alunos o que eles querem ser quando crescerem, e antigamente muitos afirmaram que desejavam ser professores; mas hoje poucos alunos respondem que escolheriam essa profissão no futuro. A desvalorização da profissão docente prejudica não somente o professor em sua individualidade, mas afeta todo o futuro da educação; pois com o aumento da desvalorização da carreira docente e perda da atratividade pela carreira teremos dificuldades para a formação de gerações futuras.

Eu vi que a gente foi desvalorizado ao longo do tempo, apesar da gente ter mais formação, mais capacitação, a sociedade não valoriza o docente, eu vejo isso, a desvalorização da profissão (Professora A).

A gente é muito desvalorizado socialmente falando, até mesmo dentro da nossa própria classe a gente é desvalorizado, eu já vi falas de gestão escolar, acusando a gente de não querer trabalhar, de estar fazendo corpo mole (Professora B).

Quanto a questão 12 (**O que te faz continuar na profissão?**), em poucas palavras a *professora A* afirma que o principal motivo é para fazer a diferença na vida dos alunos. Já a *professora B* justifica que o que a motiva na profissão é o amor pela profissão e por ser professora; mas que a necessidade financeira também reforça a permanência na docência. Ela ainda justifica o amor pelos alunos, a vontade de oportunizar novas experiências com eles, possibilitando um novo olhar sobre o mundo. Percebemos assim, que o grau de satisfação dos professores atuantes na Educação Infantil se confirma pelos motivos relacionados e que justificam a continuidade na profissão docente.

Na questão 14 (**O que acha da carreira no Distrito Federal?**), a *professora A* relata que o Distrito Federal é um dos melhores estados do Brasil em relação à carreira docente. Ela compara com o estado do Maranhão e Rio Grande do Norte a questão salarial, plano de saúde, e não ter possibilidade de mudança nos cargos dentro da secretaria de educação. E por estar na fase final da sua carreira não tem perspectiva nenhuma de aumento salarial e mudança na carreira, somente se cursar um mestrado ou doutorado. A *professora B* comenta ser uma das

melhores carreiras de magistério a do Distrito Federal, principalmente em questão salarial e formação continuada com as oportunidades oferecidas pela Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EAPE) e as parcerias com a UNB. Assim, em relação aos elementos da carreira docente no Distrito Federal, as professoras acreditam serem importantes para a profissão.

E por fim, quanto à questão 15 (**As condições de trabalho melhoraram ou pioraram? Comente.**), as professoras A e B destacam uma melhoria em relação as condições de trabalho e espaço físico. Mas ao mesmo tempo, a professora B menciona que essas melhorias dependem muito da escola em que o professor está atuando, pois em algumas podem ocorrer a falta de suporte pedagógico, problemas com a equipe de gestão, falta de diálogo entre professores e gestores. A partir das falas das professoras A e B, percebemos que motivos como chateações com a cobrança por resultados, frustração com a falta de recursos para realizar o trabalho, desgaste físico com turmas de alfabetização e 4º e 5º anos fizeram com que as professoras alternassem a regência de sala de aula com outras funções, como coordenação pedagógica, supervisão e gestão escolar, até ingressarem na docência em turmas de Educação Infantil. Embora essas diferentes atuações puderam proporcionar momentos de satisfação, de aprendizado e de experiência, as professoras consideram que hoje se sentem realizadas trabalhando em regência com estudantes da Educação Infantil.

Assim, consideramos que tanto os professores iniciantes que responderam ao questionário quanto as professoras A e B que estão na fase final do ciclo de vida profissional atuando na Educação Infantil, se sentem satisfeitos com a escolha da profissão e com o desenvolvimento de sua vida profissional; mesmo com fatores que contribuem para o cansaço, o desgaste, a preocupação, medo, solidão e desvalorização profissional, mas se sentem realizados profissionalmente.

E por fim, afirmamos que, apesar de momentos de insatisfação serem vivenciados pelos professores atuantes na Educação Infantil da rede pública de ensino do Distrito Federal, o grau de satisfação é marcante em todas as fases do ciclo de vida profissional docente, destacando a relação com a formação continuada, a estabilidade na carreira e a escolha pela profissão por interesse específico pela docência e pela área de educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que não há uma linearidade no ciclo de vida profissional, pois as fases que integram o ciclo de vida profissional não são isoladas. Estão correlacionadas às outras fases que compõem este ciclo, mas regeneram-se a partir de ações que produzem efeitos inesperados e, muitas vezes, imprevisíveis ao intencionado pelo docente, traçando múltiplas possibilidades de percursos na vida profissional

Por isso, analisamos o grau de satisfação/insatisfação dos professores que atuam na Educação Infantil da rede pública de ensino do Distrito Federal ao longo do ciclo de vida profissional docente; considerando os diferentes momentos da carreira, acontecimentos importantes vividos em sua trajetória pessoal e profissional, as especificidades, temporalidade e condições do trabalho docente.

Assim, compreendemos que a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, sendo que o direito a essa educação é uma conquista, fruto de uma construção social e histórica. Desse modo, destaca-se a importância da função social do professor, partindo da sua formação inicial que passa a ser um dos pilares importantíssimos para o exercício da docência; no sentido de contribuir para que o professor possa construir cotidianamente a sua concepção acerca do objetivo da profissão, ou seja, construir a sua identidade profissional.

Nesse sentido, quanto ao perfil dos professores atuantes na Educação Infantil da rede pública de ensino do Distrito Federal, podemos afirmar que a escolha e interesse específico pela profissão abrange os docentes em início de carreira, mas também aqueles que estão em outros momentos do ciclo de vida profissional. Sendo assim, os docentes que se encontram nos 10 primeiros anos da carreira consideram que formação continuada é/foi muito importante para o exercício do trabalho pedagógico. Também percebemos que o grau de satisfação dos professores compreende de satisfeito a muito satisfeito com a profissão, mesmo enfrentando dificuldades nas condições de trabalho. Essa satisfação com a profissão docente ao longo do ciclo de vida profissional se relaciona aos elementos da realização pessoal, atividade docente e relação interpessoal, estabilidade, carga horária, plano de carreira/salário.

Destacamos também, que a satisfação com a profissão docente se relaciona também às oportunidades de atuação e o tempo de carreira na rede pública de ensino do Distrito Federal, proporcionando o amadurecimento da prática pedagógica, aprendizado e novas experiências. Assim, conclui-se que, mesmo vivenciando a carreira docente em diferentes fases do ciclo de vida profissional, os professores afirmam estarem satisfeitos com a profissão e com a docência em turmas da Educação Infantil.

PARTE III – PERSPECTIVAS FUTURAS

Este trabalho deixa marcas de interesse pessoal quanto à futuramente continuar pesquisando sobre o trabalho docente na Educação Infantil. Tenho interesse em cursar o Mestrado na UNB com a Professora Kátia Curado, juntamente com Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Formação de Professores e Pedagogos – GEPFAPe da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB. Também tenho interesse de cursar uma pós-graduação em Psicopedagogia, pois já me interessava por essa área mesmo antes de cursar Pedagogia. Desejo sempre continuar buscar conhecimentos para ser uma grande docente para meus alunos.

Nesse percurso de perspectivas futuras, desejo realizar o concurso da Secretaria de Educação do Distrito Federal e ser professora da Educação Infantil ou dos Anos Iniciais. E logo após alcançar esses objetivos, pretendo realizar um sonho de criança, que é construir uma creche. Quero também ser uma professora que marque a vida dos meus alunos, assim como, a Professora Neide me marcou. Poder fazer a diferença na vida de alguém é sem dúvidas um prazer enorme. E por fim, quero sempre trabalhar com meus alunos a não praticar o Bullying e a violência contra os seus semelhantes. Recentemente em minha Região Administrativa (São Sebastião) aconteceram muitos casos de violência em decorrência do bullying, nos quais algumas pessoas foram hospitalizadas, devido a gravidade da situação. Sei que não posso mudar todas essas situações no mundo, mas se eu puder fazer algo para que a escola seja um lugar de boa convivência e muito aprendizado, assim farei.

REFERÊNCIAS

ACIOLY, P. L. **Estilo de vida e insatisfação referida quanto ao trabalho entre professores de educação física de Florianópolis**. 2005. 94 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PSPB0102.pdf> Acesso em: 10 mar. 2022.

ALVES, F. C. A **(in)satisfação dos professores: estudo de opiniões dos professores do ensino secundário do distrito de Bragança**. In: ESTRELA, M. T. (Org.) *Viver e construir a profissão docente*. Porto: Porto Editora, 1997. p.81-115. Coleção Ciências da Educação.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: Acesso em: 15 fev.2022.

BRASIL. MEC/INEP. **Censo da Educação Superior**. 2009.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 1996. Disponível em: Acesso em 20 fev.2022

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. 2010. Disponível em: Acesso em: 18 fev. 2022.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017. Disponível em: Acesso em: 12 fev. 2022.

CARDOSO, Solange. **As Vivências do/no trabalho Docente na Educação Infantil: Ciclo de Vida Profissional**. Tese de Doutorado, UNB-DF:2020.

CERICATO, Itale Luciane. A profissão docente em análise no Brasil: uma revisão bibliográfica. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.** [online]. 2016, vol.97, n.246, pp.273-289. ISSN 0034-7183.

DEJOURS, C., ABDOUCHELI, E., JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho, contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 2011.

JESUS, Andréia Ponciana de. **CUIDAR E EDUCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR DE ASSISTENTES E PROFESSORES DE CRIANÇAS PEQUENAS**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - FACULDADE DOCTUM DE PEDAGOGIA DA SERRA, Serra, 2015.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Currículo em Movimento da Educação Básica: Educação Infantil**. 2ª versão. Brasília, 2018.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREITAS, C. R.; CRUZ, R. M. Saúde e trabalho docente. In: **XXVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO: A integração de cadeias produtivas com a abordagem da manufatura sustentável**, 2008, Rio de Janeiro. Anais, Rio de Janeiro, p. 1 - 15. 2008.

Gabriel, Fábio Antonio. **Desvalorização da profissão de professor: uma inversão de valores**. Nota 10. [20--?] Disponível em: http://www.nota10.com.br/Artigos-detallhes-Nota10_Publicacoes/4825/desvalorizacao_da_profissao_de_professor:_uma_inversao_de_valores. Acesso em: 25 mar. 2022.

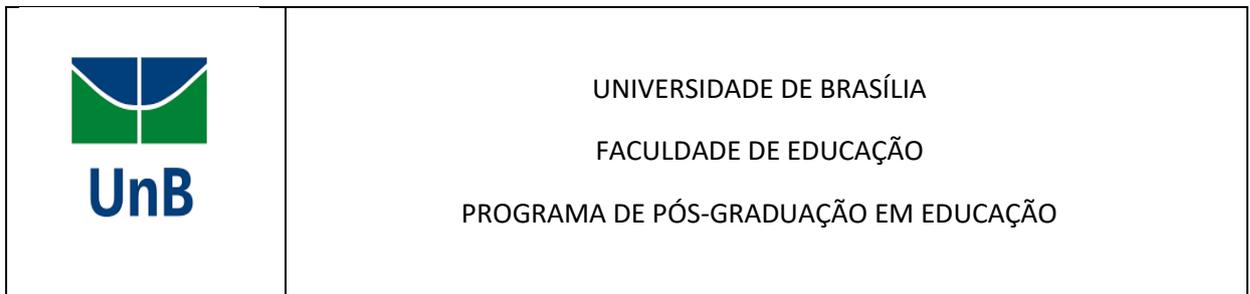
HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: Nóvoa, A (org) **Vida de professores**. 2 ed. Porto, Portugal: Porto Ed, 2000. p. 31-61, 2000.

MORETTI, S. **Qualidade de vida no trabalho x realização humana**. Revista Leonardo Pós, Blumenau, v.1, n.3, p.1-14, 2003. Disponível em: <http://www.icpg.com.br/artigos/rev03-12.pdf>. Acesso em: 28 março 2022.

OLIVEIRA, D. A. O trabalho docente na América Latina: Identidade e profissionalização. **Rev. Retratos da Escola**, Brasília, v. 2, n. 2-3, p. 29-39, 2008. Disponível em: <http://www.esforce.org.br>. Acesso em: 11 fev. 2022.

SILVA, Izabelle Dias. **A Base Nacional Comum Curricular e a educação infantil: desafios e possibilidades do currículo escolar**. 2018. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) -Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/21751>. Acesso em: 8 mar. 2022.

SILVA, Fernanda Costa Fagundes; GUIMARÃES, Márcia Campos Moraes. **O professor de Educação Infantil: cuidar ou ensinar? Um novo olhar**. Anais do IV EDIPE, UEG, 2011.

Apêndice 1 – Questionário

Prezado (a) Professor (a),

Estamos desenvolvendo uma pesquisa que tem como foco o ciclo de vida profissional dos professores da educação básica da Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal (SEEDF). Essa pesquisa faz parte das atividades do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília (UnB) e conta com financiamento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF).

O objetivo dessa pesquisa é compreender como os professores vivenciam o trabalho docente ao longo da sua vida profissional. Consideramos de grande importância conhecer e dar voz aos professores em nossa pesquisa.

Vale ressaltar que sua participação se fará de forma voluntária e que as informações obtidas não serão identificadas, assegurando o sigilo ao longo de toda a pesquisa. Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação.

Caso concorde, solicitamos o preenchimento do questionário anexo.

Desde já, agradecemos sua colaboração, e estamos à disposição para qualquer informação sobre o desenvolvimento do nosso trabalho.

Atenciosamente,

Profa. Dra. Shirleide Pereira da Silva Cruz

Profa. Dra. Kátia Curado

Profa. Dra. Nathalia Cassettari

Profa. Dra. Ana Sheila Fernandes Costa
Departamento de Administração e Planejamento
Programa de Pós-graduação em Educação
Faculdade de Educação
Universidade de Brasília
E-mail para contato: shirleidesc@gmail.com

Data: ____/____/____

QUESTIONÁRIO

DADOS GERAIS

1. Informações pessoais/ Identificação

Instituição/Campus que está trabalhando atualmente: _____

Etapa/Ano da educação em que atua: _____

Coordenação Regional de Ensino _____

() Professor temporário. Há quantos anos? _____

() Professor efetivo. Há quantos anos? _____

2. Sexo

() Masculino () Feminino

3. Idade

- Até 20 anos
- De 20 a 25 anos
- De 25 a 30 anos
- De 30 a 35 anos
- De 35 a 40 anos
- De 40 a 45 anos
- De 45 a 50 anos
- Acima de 50 anos

4. De acordo com as categorias do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), qual é a sua cor?

- Branca Parda Preta Amarela Indígena

5. Qual é o seu estado civil?

- Solteira(o) Casada(o) União estável
- Divorciada (o) Separada(o) Viúva(o)

6. Onde reside atualmente?

- Mesma Região administrativa dessa instituição
- Outra Região administrativa _____

FORMAÇÃO

7. Magistério em Nível Médio: () Sim () Não

Em caso de resposta afirmativa:

() Pública () Privada () Outro: _____

8. Graduação

Curso: _____

() Pública () Privada () Outro: _____

9. Pós-graduação

9.1. Especialização (em caso de ter cursado mais de uma, cite a última cursada)

Área: () Educação () Outro _____

() Pública () Privada () Outro: _____

9.2. Mestrado () Acadêmico () Profissional

Área: () Educação () Outro _____

() Pública () Privada () Outro: _____

9.3. Doutorado

Área: () Educação () Outro _____

() Pública () Privada () Outro: _____

9.4. Pós doutorado

Área: () Educação () Outro _____

() Pública () Privada () Outro: _____

10. Indique as principais razões que levaram você a escolher a docência. (Marque quantas alternativas desejar)

() Por dar maior acesso ao mercado de trabalho

() Por influência/tradição na família

() Por interesse específico pela profissão

() Por não gostar dos outros cursos disponíveis

() Por não ter outra opção

- Por oferecer maior estabilidade no trabalho
- Por questões financeiras
- Por interesse específico pela área de conhecimento

Outros. _____

11. Em qual momento da sua vida profissional a formação continuada foi/está sendo mais significativa para o trabalho pedagógico:

- Até 5 anos.
- De 6 a 10 anos
- De 11 a 15 anos
- De 16 a 20 anos
- De 21 a 25 anos.
- Acima de 25 anos
- Nenhum

TEMPO DE CARREIRA

12. Há quantos anos você exerce a função docente?

- Há menos de 1 ano
- Até 5 anos.
- De 6 a 10 anos
- De 11 a 15 anos
- De 16 a 20 anos
- De 21 a 25 anos.

() Acima de 25 anos

13. Há quanto tempo você é docente nessa etapa da educação?

() Há menos de 1 ano

() De 1 a 5 anos.

() De 5 a 10 anos

() De 10 a 15 anos

() De 15 a 20 anos

() De 20 a 25 anos.

() Acima de 25 anos

14. Nesta instituição, qual a sua carga horária semanal? (considere a carga contratual: horas-aula mais horas para atividades/coordenação).

() 20 horas

() 30 horas

() 40 horas

() 40 horas com dedicação exclusiva (DE)

() Outro: _____

15. Em quantas escolas/instituições você trabalha?

() Apenas nesta

() Duas

() Três

() Em quatro ou mais

FASES DE VIVÊNCIA NA CARREIRA

16. Qual é o nível de satisfação profissional nesse momento da carreira? (Indique o grau de satisfação sendo 1 Totalmente Insatisfeito e 5 Muito Satisfeito)

Totalmente Insatisfeito 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () Muito Satisfeito

17. Qual descrição, a seguir, mais se aproxima do modo como se sente atualmente na carreira? (marque a alternativa predominante)

() Preocupado, angustiado, com medo, sentindo-se solitário. Percebo que há uma distância entre os ideais e as realidades cotidianas da sala de aula, há uma fragmentação do trabalho, sinto dificuldade em conciliar a relação pedagógica e a transmissão de conhecimentos, percebo uma oscilação entre relações demasiado íntimas e demasiado distantes, sinto dificuldades com alunos que criam problemas, dificuldade com material didático inadequado e sinto falta de apoio e orientação.

() Entusiasmado diante das novidades que vão sendo desvendadas a cada dia na profissão e que estão atreladas à experiência de me sentir responsável por uma turma ou por me sentir como membro de um grupo.

() Estabilizado, vivenciando sentimentos de comprometimento definitivo com a docência e, ainda, assumindo responsabilidades.

() Fazendo experimentações, vivendo um momento de diversificação em que sinto que estou rompendo com a rigidez pedagógica, começo a criar e inovar o meu trabalho, sem seguir rigidamente os livros didáticos.

() Em um estado de questionamento, com dúvidas quanto à carreira e quanto à profissão.

() Em um estado de serenidade e distanciamento afetivo, sinto-me sereno na profissão e procuro me distanciar das lamentações frente à profissão.

() Em um estado de desinvestimento na profissão, estou me afastando da profissão e dedicando meu tempo mais a mim mesmo. Não tenho interesse em investir em cursos e qualificações profissionais.

() Outro: _____

PERCEPÇÕES SOBRE A ESCOLA E A VIDA PROFISSIONAL

18. Indique o seu grau de realização profissional com cada dos aspectos listados abaixo, sendo: 1 Nenhum pouco realizado e 5 Totalmente Realizado

- A relação com os alunos: 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- A relação com os pares (professores): 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- A Relação com a equipe gestora: 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- A Relação com os pais: 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- A Remuneração (salário): 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- O Plano de carreira: 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- A infraestrutura da escola: 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- O material didático: 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- A Carga horária: 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- A Atividade docente: 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()

19. Das alternativas listadas abaixo, assinale as 3 que considera mais positivas para o seu trabalho.

- () Autonomia
- () Realização pessoal
- () Relação interpessoal
- () Carga horária
- () Plano de carreira/Salário
- () Atividade docente
- () Estabilidade

20. Classifique os aspectos listados abaixo de acordo com o quanto os considera positivos para o seu trabalho, sendo 1 negativo e 5 muito positivo:

- Autonomia: 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- Realização pessoal: 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()

- Relação interpessoal: **1** () **2** () **3** () **4** () **5** ()
- Carga horária: **1** () **2** () **3** () **4** () **5** ()
- Plano de carreira/Salário: **1** () **2** () **3** () **4** () **5** ()
- Atividade docente: **1** () **2** () **3** () **4** () **5** ()
- Estabilidade: **1** () **2** () **3** () **4** () **5** ()
- Possibilidade de transformação na vida dos alunos: **1** () **2** () **3** () **4** () **5** ()

21. Como você percebe o nível de reconhecimento social em relação ao profissional professor?

() Muito bom

() Bom

() Médio

() Ruim

() Muito ruim

22. Ser professor é:

23. Se você estiver disponível para aprofundamento futuro dessa pesquisa deixe seus contatos:

Nome: _____

E-mail: _____

Telefone de contato: () _____

APÊNDICE 2 – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. Conte sobre sua trajetória ao longo da sua vida profissional?
2. Que momentos você destacaria que te fizeram ver sua vida profissional de forma diferente? (Quais os elementos que compuseram esse momento?)
3. Comente sobre as atividades na carreira na rede de ensino que exerceu: (supervisão, coordenação pedagógica, direção, etc.)
4. Quais foram os maiores desafios na vida profissional? Por quê?
5. O que tornou mais fácil a sua vida profissional? Por quê?
6. Se fosse narrar a sua vida profissional em etapas, quais seriam?
7. Ao passar os anos na profissão, você se sente mais realizado ou não? Por quê?
8. Como você se sente neste momento atual da sua vida profissional?
9. Como se define, enquanto professor/a, neste momento da sua vida profissional?
10. Como você tem percebido o papel da escola ao longo da sua vida profissional?
11. Como você vê a profissão docente ao longo da sua vida profissional?
12. O que te faz continuar na profissão?
13. Quais articulações você vê entre a sua formação inicial e continuada ao longo da sua carreira? E no momento atual?
14. O que acha da carreira no Distrito Federal?
15. As condições de trabalho melhoraram ou pioraram? Comente.
16. O que você falaria para uma pessoa que quer ser professor?

APÊNDICE 3 – RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS

QUESTÃO 4

PROFESSORA A

Foram muitos, é, o primeiro desafio foi quando entrei com 18 anos, na secretaria, eu tinha experiência do estágio, eu não tive experiência nenhuma profissional fora isso. Então quando eu cheguei na sala de aula, preparada pra dar aula, a gente vai preparada com teorias, mas a prática às vezes se torna muito diferentes, os desafios são esses, então a gente estuda por exemplo, eu estudei na escola normal, aquele planejamento e tudo mais, certinho, é com passos, e quando a gente chega na sala de aula, a gente se encontra por exemplo, quando eu dava aula na Samambaia, foi problemas de comportamento, a pobreza era muito grande também, tinha muito essa dificuldade, de alunos sem materiais, sem recursos e a escola também, e com isso tudo implica nas dificuldades em ensinar, não que essas coisas impeçam o aprendizado, mas quando você não tem experiência, aquilo se torna mais difícil, você tentar colocar em prática aquilo que você estudou, então uma dificuldade foi isso, a falta de experiência profissional do estágio, da realidade, de como lidar por exemplo numa reunião de pais, como lidar por exemplo com um aluno problemático, como lidar com alunos que sofrem abusos e essas coisas que acontecem, e na época eu não tinha experiência, não tinha muito formação na época para isso, todas essas dificuldades eu passei, e a gente vai aprendendo na prática, observando, e estudando, essas foram as dificuldades que notei. Outra dificuldade é a questão do desgaste emocional, hoje por exemplo eu estou de licença médica devido a depressão, por causa da pandemia né, a questão do trabalho remoto me sobrecarregou de uma forma muito grande, então está sendo um desafio para mim né, acho que todos os pais e professores estão sentindo isso, sobrecarregados. Muitas cobranças, a questão da desvalorização do professor, que é muito grande, é um desafio a gente se afirmar como profissional e ter saúde física e mental, principalmente quando você se entrega muito, querer fazer um bom trabalho, é muitas vezes tem muitos impedimentos, então é aquela questão mesmo que acontece de você querer implementar alguma coisa, não ter apoio da gestão, ou você ter que arcar com custos, pelo menos na secretaria de educação sim melhorou bastante em questão de materiais, antigamente era mais difícil, mas mesmo assim agora a questão dos últimos anos foram a pandemia mesmo, a sobrecarga de trabalho, eu tive que aprender novas tecnologias, não sabia mexer em edição de vídeo, eu não sabia mexer em nenhum desses aplicativos, tive que aprender de um dia para outro, e além de dar suporte para os pais, porque agora eles estavam com essa função de mediar, eles não eram professores, mas eles precisavam mediar, então tem todo esse conflito, então esse ano foi bem complicado, perdi algumas pessoas, inclusive na sexta feira eu tive que remarcar, por que uma professora da nossa escola morreu por conta do covid, tudo isso abala o emocional.

PROFESSORA B

A falta de prática, de recursos no início da minha carreira, eu não sabia não, não tinha muita noção do que fazer. A depressão que tive no 2º ano de carreira. Prefiro não comentar muito, pois nessa época tive um aborto que me fere até hoje.

QUESTÃO 5**PROFESSORA A**

Primeiro a maturidade né, como falei eu comecei muito cedo, e com 18 anos eu não tinha experiência nenhuma, nem de vida pra dizer a verdade. Então a questão da maturidade é o que faz a gente encontra apoio em pessoas que têm um mesmo objetivo que você, por que por exemplo, eu acho que em qualquer local de trabalho tem pessoas que têm paixão por aquilo, gostam de fazer o trabalho, muitas pessoas falam que funcionários públicos não gostam de trabalho né, aqueles que se aplicam e aqueles que querem ganhar só dinheiro, como eu falei eu sempre quis ser professora, um sonho meu de criança, então o que torna fácil é saber o que eu queria, que era estar em sala de aula, e outra coisa que tornou fácil e a questão formação, quanto mais a gente estuda, quanto mais a gente faz um curso e formação, ler um livro, procura, mais eu ficava segura daquilo que eu precisava fazer, então a formação é um das coisas que se tornou fácil. A questão que tornou mais fácil também, foi que antes quando eu entrei na secretaria eu tinha dois turnos, e agora a gente tem a coordenação, a jornada ampliada, isso foi uma conquista muito grande para os professores, porque a gente pode trabalhar em um turno, e no outro a gente pode planejar toda as intervenções. É isso, eu acho.

PROFESSORA B

Ah eu não sei te dizer o que tornou mais fácil, eu vou falar do meu momento atual agora, o que torna mais fácil e essa questão como a professora 1 disse, e eu me encontrei dentro da educação, eu gosto de trabalhar com a educação infantil, mais especificamente com as turmas de 5 anos que é o 2º período, , apesar de que esses 2 últimos anos está bem difícil, na verdade a gente está tendo que se reformular profissionalmente, por que é uma coisa inédita, por mais que eu tenha feito cursos na área tics não é a mesma coisa.

QUESTÃO 6**PROFESSORA A**

A primeira etapa é recém formada, a normalista, então essa etapa de descobrir como era o trabalho e tudo mais. A segunda etapa após a pedagogia, eu tinha mais uma experiência, eu já estava mais segura do que eu queria, e a terceira etapa seria a maturidade do trabalho, que agora vou fazer 42 anos, encontrei um lugar que eu gosto mesmo, a pedagogia tem várias áreas, então por exemplo, a educação infantil me atraiu, eu não voltaria a ser alfabetizadora ou coordenadora, a etapa da educação infantil agora é o que eu quero. Uma vontade que eu tenho é de entrar no mestrado, mas por enquanto eu não me sinto capacitada, e devido aos problemas de saúde eu também não me sinto segura, mas estou estudando para isso.

PROFESSORA B

Acho que a etapa inicial, que quando você entra ali mesmo na rede, eu entrei na rede com o magistério, depois que eu estava na rede eu comecei a fazer o curso de pedagogia, eu já era professora, por mais que seja um eterno aprendizado, por que mesmo com 23 anos de rede eu ainda aprendo muita coisa a cada ano, cada semana que passa, mas eu acho que tem essa

parte de você adquirir a segurança em sala de aula, escola, e de tudo, acho que essa é a primeira etapa mesmo. A segunda etapa é a do se encontrar, eu gosto muito de trabalhar com o 4º ano que é a antiga 3ª série, mas eu ainda não estava satisfeita não pelo trabalho em si, mas pelo suporte da secretaria, então foi essa a etapa mesmo do querer sair e fazer outra coisa, desistir de ser professora e partir pra outra coisa. A etapa de supervisão e coordenação que também é uma coisa que eu acho muito relevante na minha vida, é um momento que é totalmente diferente do trabalho em sala de aula, mas eu aprendi muito nesse período, esse olhar fora da sala de aula, eu acho que é uma coisa que todo professor deveria passar, por que a gente fica nas sala de aula e é uma coisa muito “caixinha”, você está ali com sua turma, você tem o controle de tudo, você planeja para aquilo, é claro que tem os imprevisto no seu processo de aula, mas é diferente de você estar fora da sala de aula, sua visão é maior, ela amplia, não é mais só o aluno, é o aluno, o pai do aluno, são os colegas, direção, professoras, e aí entra essa questão mais ampla, você pega uma visão um pouco do regional de ensino, de secretaria não. Então foi um momento de muito crescimento para minha carreira profissional. Inclusive com os cursos ofertados para quem trabalha com supervisão e coordenação que não tem a mesma característica de quem está em sala de aula, e eu acho que a gente perde muito quando a gente está em sala de aula, por conta dessas questões. E depois veio mesmo essa questão de estar na educação infantil exclusivamente de atendimento de educação infantil, que é uma coisa totalmente diferente e tudo, o CAIC é uma coisa que mais se aproxima a isso, mas não é tão exclusivo como é CEI, o CAIC pelo menos no que eu trabalhei a parte de educação infantil a gente não tinha muito contato com outra modalidade, mas trabalhar com educação infantil numa escola exclusiva para uma educação infantil que foi construída e pensada para isso, é totalmente diferente, é uma outra abordagem, outra visão.

QUESTÃO 7

PROFESSORA A

Eu me sinto realizada, acho que ao passar dos anos, contudo, eu me sinto satisfeita com o trabalho em salas de aula, eu vejo as crianças aprendendo com mais facilidade, antes era uma coisa tentativa, hoje é uma coisa mais baseada, em estudo pesquisa, eu me sinto mais realizada agora.

PROFESSORA B

Eu me sinto realizada por isso tudo que eu falei, eu cheguei naquele momento mesmo que eu não estava satisfeita na rede, muita cobrança, pouco suporte, inclusive de formação, e aí quando eu fui pra educação infantil eu me sinto sim realizada no trabalho que eu faço. Não sei se eu gostaria de sair da educação infantil pra ir pra outro lugar, trabalhar dentro da educação infantil. E assim, nunca passei por direção da escola, nunca fui diretora, fui vice diretora substituta, mas não é a mesma coisa, eu já passei por supervisão e coordenação, e hoje eu sei que meu lugar e dentro da sala de aula, eu não consigo me ver sem, eu sinto falta, por exemplo esse ano que eu passei nessa escola (2018) como coordenadora é bom, gratificante, eu gosto do trabalho de coordenação, mas eu sentia muita falta da sala de aula, então agora eu acho que estou realizada. Tem coisas que precisam ser ajustadas na escola, mas não é com relação ao trabalho de sala de aula em si, são outras pendências, diz respeito à gestão.

QUESTÃO 8**PROFESSORA A**

Pois é, apesar de eu me sentir muito realizada com a educação infantil e tudo mais, com a etapa que eu escolhi, que é ser professora, eu me sinto sobrecarregada por causa dessa pandemia, dessa mudança e essa falta de estrutura que nós temos, eu comecei a falar mas não terminei, eu começava a trabalhar 7h30 da manhã whatsapp com os pais e às vezes chegava até 22h/23h da noite sem interrupção, então no sábado eu estava respondendo os pais, e às vezes tinha que ditar vídeo a noite, além das reuniões desnecessárias da gestão e tudo mais, as cobranças desnecessárias tbm, então aquilo ali é uma realidade que a gente tem em casa, porque imagina você tem que cuidar da sua casa, você não tem mais aquela divisão ‘ eu vou chegar em casa e vou descansar, cuidar da minha casa’ não tem então você está com várias tarefas para corrigir, você tem um planejamento para fazer, tem vídeo, tem relatório, diário, e aquilo ali vai te sobrecarregando de certa forma, além da questão humana, por que os pais como estão nessa situação a demanda e tudo que acontecesse, como você é a primeira pessoa do setor público, ela vai descarregar todo a frustração dela em cima de você, ai você tem que ter aquele jogo de cintura, aquela paciência para lidar com os pais. Às vezes você tem que ter uma postura mais rígida para cobrar o pai, pra eles é difícil, mas para o professor também é difícil, por isso esse ano eu não consegui e estou de licença

PROFESSORA B

Eu me sinto desgastada. Apesar de estar satisfeita de trabalhar na educação infantil, mas neste momento eu estou cansada, desgastada. Nesse processo de reinvenção, ano passado foi um ano bem crucial pra mim, foi um ano que estava bem perdida, esse ano estou um pouco com segurança no trabalho que eu estou fazendo, mas esse trabalho remoto na educação infantil, ele não representa 2% do que a educação infantil precisa e faz e tudo, porque educação infantil ela é contato físico, vou chora....

QUESTÃO 11**PROFESSORA A**

Eu vi que a gente foi desvalorizado ao longo do tempo, apesar da gente ter mais formação, mais capacitação, a sociedade não valoriza o docente, eu vejo isso, a desvalorização da profissão. Uma coisa interessante, eu sempre fiz essa pergunta para os alunos não por que eu tinha a intencionalidade, era uma pesquisa que eu quis fazer com as crianças, o que eles queriam ser quando crescer? eu sei que eles são crianças, mas eu queria saber a profissão, eu queria saber o que eles associavam, e antigamente eu fazia essa pergunta, tinha muitos que queriam ser professores, policial, e tudo mais, e muito mesmo. Nas últimas pesquisas que eu fiz, que foi ano retrasado, nenhum dos meus alunos, acho que eram 24, queriam ser professores, e antigamente tinha muito, eles se espelhavam gostariam de ser, e nessa última que fiz nenhum quis, e apareceu coisas interessantes, um queria ser empresário, a primeira vez que eu vi nesses 23 anos alguém responder isso, além de outras. Até para as crianças a gente não é mais uma referência de profissão, muitos deles não querem mais. Até hoje a procura é pouca, acho que os governos deveriam fazer campanhas, propagandas, valorizar a profissão, a desvalorização começa pelo governo né. Quando ele tira o poder do professor

na sala da aula, ele mostra que o professor tem que ser gravado, punido, de certa forma ele está fazendo com que a sociedade veja o professor como inimigo, eu sei que tem os dois lado, que tem gente extremis nos dois campos, mas essa forma de falar assim da gente, é como se fosse assim ‘ ‘ você tem que filmar o professor, por que ele está fazendo alguma coisa errada, eu acho que tinha que partir lá de cima a valorização, a questão do salário também, por que ninguém quer ganhar o salário do professor, das carreiras do GDF, por exemplo a gente tem o mesmo nível superior do que um policial civil, um médico, uma carreira administrativa do governo, e às vezes a gente estuda até mais, mas é a carreira que recebe menos, eu acho que essa questão do dinheiro também desvaloriza as pessoas que querem desejar ser professores.

PROFESSORA B

A profissão docente é uma das mais importantes profissão na sociedade, justamente por esse papel transformador que a gente tem, trazer a reflexão nas crianças e alunos, os estudantes que passam por nós. Mas ela é muito desvalorizada, ao mesmo tempo que ela importante ela é muito desvalorizada, não é que eu acho que o professor tem que ser tratado como Deus, como o ser mais importante da sociedade. Principalmente de um tempo pra cá, últimos 6 anos, eu acho que o professor vem sendo demonizado, então tudo que acontece de ruim as vezes é culpa do professor na escola, a gente não é valorizado, essa pandemia acho que só extrapolou mais isso, de por exemplo falas como, o professor só está lá recebendo e não está fazendo nada, professor não quer voltar a trabalhar, como se fosse uma coisa que dependesse da gente. A gente é muito desvalorizado socialmente falando, até mesmo dentro da nossa própria classe a gente é desvalorizado, eu já vi falas de gestão escolar, acusando a gente de não querer trabalhar, de estar fazendo corpo mole.

QUESTÃO 12

PROFESSORA A

O que me faz ter certeza de que eu estou fazendo o mínimo a diferença, é uma questão pessoal e como fala, ética, aquela coisa moral mesmo, subjetiva.

PROFESSORA B

Olha eu tenho 2 coisas que me fazem continuar na profissão, primeiro as contas, não necessariamente seja o mais importante, mas as contas precisam pagar porque é uma profissão, e eu sou assalariada e como o motorista de ônibus, caixa do mercado, eu tenho um trabalho e eu sou remunerada por isso, e é com isso que eu vivo que pago minhas contas. Não sei se a palavra certa é amor, fica uma coisa muito romantizada da educação, mas é uma coisa que eu gosto de fazer, eu gosto de ver o olhinho da criança brilhar quando ela descobre uma coisa em uma aula e fala ‘ ‘ olha professora que legal, isso aqui que você ensinou’ ’, é muito gratificante, então acho que o que me faz hoje continuar como professora são os meus alunos, essa descoberta, esse mundo que eles descobrem, se não sou eu que levo isso pra eles, sou eu que ajudo a eles enxergarem, as vezes eles tem uma visão mais fechadinha e a gente acaba ampliando para eles.

QUESTÃO 14**PROFESSORA A**

Dizem que aqui é o melhor lugar do Brasil pra ser professor, eu acho que já não é mais, eu acho que tem lugares mais, eu acho que é o Maranhão e Rio Grande do Norte está melhor, o salário melhor, planos de saúde melhor, de carreira está melhor. Por exemplo, tenho 23 anos de profissão, mas devido a progressão eu já estou com 25 do quadro do GDF, a partir desse ano eu não tenho mais nenhuma perspectiva de aumento, ou de mudança na carreira, só se eu fizer um mestrado ou doutorado, fora isso não tenho mais perspectiva nenhuma, e também tem a questão ou você é professor ou você é gestor, ou vai para a área de atendimento, então não tem um leque maior de possibilidades da secretaria. Então eu acho que já foi melhor a carreira de professor no DF, agora infelizmente outros lugares estão melhor.

PROFESSORA B

A minha vida é toda na regional, na rede de ensino do DF, eu não tenho vivência das outras redes dos outros estados nem rede particular, o que eu posso falar é o que eu ouço e vejo falar, e apesar da gente ainda ter que evoluir muito, eu acho que a carreira magistério no DF ela é uma das melhores, no sentido de remuneração, sentido de formação, por que a EAPE tem muito essa questão dos cursos, tem as parcerias que a gente faz também com a própria UNB e com outras faculdades, todo ano são oferecidos cursos na área de educação pra gente fazer por intermédio da EAPE, então assim, eu acho que de forma geral ela é boa, tem alguma coisinhas, que às vezes a gente no trabalho em sala de aula mesmo a gente desmotiva por falta de apoio, apesar de tudo eu acho que a rede pra carreira magistério no DF ela é uma das melhores.

QUESTÃO 15**PROFESSORA A**

Melhoram, por exemplo, quando eu comecei a trabalhar eu trabalhava em uma escola em Samambaia na 325, e ela era feita de madeira, então não tinha estrutura nenhuma as salas, era uma coisa que era pra ser provisória, ficou muito tempo, hoje em dia é uma escola que foi derrubada e foi construída outra. Agora por exemplo, eu estou no único centro de educação infantil de Ceilândia, deveria ter mais, mas só tem um, e a estrutura da escola é muito boa, ela foi construída pensando na criança, de 4 a 5 anos, as salas são amplas, tem banheiro dentro das salas, refeitório, sala de vídeo, ganhamos vários recursos dos deputados, temos brinquedoteca, a estrutura física melhorou bastante, a questão da gente poder ter um tempo pra poder coordenar, estudar também melhorou bastante, a falta de material também não é uma preocupação como era no início do tempo dos 18 anos que comecei a trabalhar, que a gente não tinha papel e nem nada, mas não se compara a uma escola particular, por exemplo, a gente tem dificuldade da internet, na escola não tem, e a quando a gente tem que fazer uma pesquisa alguma coisa, a gente tem que fazer em casa usar os dados móveis, outras coisas também a gente não tem acesso. Mas melhorou bastante.

PROFESSORA B

Essa questão da condição de trabalho tem muito a ver com a escola onde você está, o que influencia nas condições de trabalho querendo ou não é a estrutura, eu já passei por um CAIC que é uma escola imensa, eu já passei por escola de madeirite, trabalhei uns 3 anos nessa escola de madeirite no Recanto, eu trabalhei na escola que foi inclusive foi a escola que eu estudei que é uma escola mais antiga, se não me engano a escola classe 52 de Ceilândia ela é dos anos 80, e agora eu estou numa escola que foi reformada, foi inaugurada em 2015, e são estruturas diferentes e condições de trabalho diferente. Em termos de trabalho de espaço físico, acho que a escola onde estou é melhor, então sim, teve um melhora das condições de trabalho em termos de espaço físico, mas o suporte às vezes falta muito, como eu disse por exemplo, essa parte da área da educação infantil, por exemplo a gente precisa de monitores, não tem, então isso sobrecarrega a gente, na nossa escola não tem uma quadra de esporte, isso sobrecarrega, as vezes você tem que dividir o pátio com outros professores, a gente tem um professor de educação física lá, então às vezes a gente não pode nem usar o pátio por que ele está usando. Mas mesmo assim ela ainda é melhor do que a escola classe 52 que eu fui professora, por que ela só tinha o parquinho voltado para educação infantil, os outros espaços não eram pensados na educação infantil. Que que falta de condições para eu dizer que estou dentro de uma escola ideal, não que eu consiga, a gente está tendo problema por exemplo com a gestão da escola, falta de diálogo, é uma gestão democrática que não é tão democrática, se eu for comparar com meu início de carreira, a minha condição nesse sentido de ouvir o professor, do professor participar do planejamento nas ideias da escola e nos projetos, em 98 era melhor do que agora, por que em 98 eu estava no CAIC onde era uma escola onde todas as decisões eram feitas pelo grupo docente, não chegava nada imposto pra gente, a direção da escola tinha ideias pra gente, e conversava com a gente, isso parece minino, mas é uma coisa que faz muito a diferença, da gente ser ouvido, eu estou num educação infantil, então como é uma modalidade que eu gosto, eu estou mais realizada agora, já retratei a questão de quando eu trabalhava com a alfabetização, eu achava mais precária porque era cobrada coisas da gente e não era dado o suporte, então comparado com isso eu to melhor, mas é muito relativo falar dessa questão, são vários fatores que influenciam pra falar o que tá pior ou melhor. A gente como está numa rede que não é homogênea, a escola por exemplo do plano é diferente das escolas satélites.